

A colecção «CASCAIS TEMPOS ANTIGOS» tem por objectivo a publicação de estudos monográficos sobre o passado mais remoto da área que é hoje o concelho de Cascais e da sua envolvente imediata, das origens à emergência da nacionalidade.

No entanto, em situações concretas, o âmbito geográfico da colecção pode ser alargado.

Entre 2900 e 2000 antes da nossa era, as Penínsulas de Lisboa e Setúbal com partilharam uma unidade cultural apreciável, designada por Savory como a «Cultura do Tejo». Os monumentos e sítios de esse período, e da fase que o antecede, são o objecto das primeiras publicações de esta colecção, incluindo necrópoles como Porto Covo, Poço Velho, Alapraia e S. Pedro do Estoril.

Os materiais de antigas escavações, tal como os que resultam de projectos que, em colaboração com a autarquia, estão neste momento a decorrer, ou em curso de programação, serão assim alvo de publicações monográficas «definitivas».

A colecção «CASCAIS TEMPOS ANTIGOS» é dirigida por Victor S. Gonçalves, professor catedrático da Universidade de Lisboa e Director da UNIARQ (o Centro de Arqueologia da U.L.), responsável pelo projecto CASCA (Cascais: as antigas sociedades camponesas).

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal

Este colóquio internacional TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA constitui o terceiro de uma série de encontros promovidos pela UNIARQ e pela Câmara Municipal de Cascais cujo objectivo é a análise dos processos de mudança da segunda metade do 4.º milénio e do 3.º milénio a.n.e. Centram-se no Centro e Sul de Portugal, mas ultrapassam as actuais fronteiras, para leituras cruzadas. Cascais tem constituído o ponto de encontro desses colóquios (1993, 1995, 2005), retomando a projecção internacional que conheceu nas décadas de 50 e 60 no meio da Arqueologia pré-histórica.

O 3.º Colóquio Internacional, agora editado, decorre entre 4 e 7 de Outubro de 2005, no Centro Cultural de Cascais, tendo sido organizado em três secções. A primeira secção foi intitulada *Sítios, Paisagens e Dia-onias* e conta com contribuições de Ana Catarina Sousa, João Luís Cardoso, Mikhael Kunst, Victor S. Gonçalves, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Rui Metaloto, António Alfaro de, Elena Morán, Carolina Grillo. A secção *O sagrado, os ritos e os espaços da morte* integra contribuições de Rui Boaventura, Jorge de Oliveira, Leonor Rocha, Rui Parreira e Ana Maria Silva. O Centro e Sul de Portugal é integrado num espaço mais vasto na secção *A Sul e a Oriente, novas sítios, monumentose sítios*, com contribuições de Enrique Cerrillo Cuenca, José María Fernández, Francisco Javier Heras Mora, Aklia Prada Gallardo, José Antonio López Sáez, Francisco Nocete, Nuno F. Inácio, Moisés R. Bayona, María D. Cámalich Massieu, Dimas Martín Socas, Rafael Lizcano Prestel, Ana Peramo De La Corte, Esther Álex Tur, José Ramos, P. Bueno Ramirez, R. de Balbín Behrman, Rosa Barroso Bermejo.

Num espaço e tempo relativamente restritos, a série TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA procura efectuar sucessivos pontos de situação do registo arqueológico e das perspectivas de interpretação dos mesmos, privilegiando espaços de debate. Nesta perspectiva, foram organizadas duas sessões: Fortificar o quê, como, porquê e para quê e A evolução e a cronologia dos modelos construtivos megalíticos, ambos coordenados por Victor S. Gonçalves.

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.

TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL: O 4.º E O 3.º MILÉNIOS A.N.E.
VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.



Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.

Neolítico e Megalitismo na Coudelaria de Alter

■ Jorge de Oliveira*

R E S U M O Apresentam-se os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Coudelaria de Alter (Portalegre) entre 2001 e 2006. O território da Coudelaria de Alter integra 7 antas, das quais foram escavadas três monumentos (Anta da Horta, Anta da Soalheira, Anta da Várzea Grande). Destaca-se a Anta da Horta, com duas datações da transição 4.º / 3.º milénio a.n.e., onde foi recuperado um depósito de placas de xisto e placas de grés. Os habitats identificados posicionam-se junto de afloramentos graníticos e integram pontualmente arte rupestre, sendo interpretados como santuários. Apesar das perturbações estratigráficas destes habitats, podemos claramente integrá-los no Neolítico antigo, destacando-se a estrutura de argila (forno) do Habitat do Reguengo e da cerâmica decorada (incluindo cardial) da Toca da Raposa.

A B S T R A C T In this work the author presents the archaeological work developed at the Coudelaria de Alter (Portalegre) developed between 2001 and 2006. The territory of the Coudelaria de Alter integrates 7 dolmens, three of which were excavated (Horta, Soalheira and Várzea Grande). In this group of monuments, one should underline the importance of Dolmen of Horta, with two dating from the transition 4 / 3rd millennium B.C.E., where was recovered a deposit with schist plates and sandstone plates. The habitats identified are located near the granite outcroppings and occasionally incorporating rock art, being interpreted as sanctuaries. Despite the stratigraphic disturbance of these habitats, we can clearly integrate them into the Early Neolithic, especially the structure of clay (oven) of Habitat Reguengo and decorated pottery (including Cardium) of Toca da Raposa.

1. Antecedentes

Apresenta-se nesta comunicação uma breve resenha dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Coudelaria de Alter entre 2001 e 2006. Os estudos aí realizados resultam do protocolo estabelecido entre aquela instituição e a Universidade de Évora, financiados pelos programas POC e AINA, e desenvolveram-se em três fases. A primeira fase dos trabalhos resumiu-se ao levantamento bibliográfico exaustivo e a uma campanha de prospecções de campo na área da Coudelaria. Depois de examinada toda a bibliografia especializada, na qual

nenhuma referência se encontrou sobre a área da Coudelaria, dirigimos a pesquisa para a secção de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, na esperança de encontrar alguma informação na correspondência de Frei Manuel do Cenáculo. Também nesses maços nada se identificou. Contudo, num maço de “documentos vários”, provavelmente reunidos por Cunha Rivara, encontrou-se um manuscrito, não datado, nem assinado, intitulado “Antiguidades de Alter do Chão” (B.P.E. Cód. CIX/1-16, n.º 67). Pela caligrafia, cor da tinta e tipo de papel parece tratar-se de um documento dos finais do século XVII, ou inícios do século XVIII, que relata a exis-

tência de um conjunto assinalável de testemunhos arqueológicos, dando especial atenção às antas. Neste manuscrito, para além de outros monumentos megalíticos, refere-se a existência de uma “anta no Reguengo” e outra na “Coutada do Arneiro”. Estes topónimos situam-se na área da actual coudelaria e, de facto, tal como as prospecções de campo vieram a confirmar, alguns dos dólmenes identificados poderão ser os que se encontram referidos no manuscrito da Biblioteca Pública de Évora. A “anta do Reguengo” poderá ser a por nós denominada Anta da Horta, enquanto que a anta da “Coutada do Arneiro” corresponderá à anta por nós denominada por Soalheira. Convirá a aqui referir que esta anta da Soalheira não é a mesma referida por Georg e Vera Leisner, em 1959. A anta registada por estes arqueólogos situava-se, igualmente no concelho de Alter do Chão, a cerca de 2 km para NO do limite da Coudelaria e foi destruída durante a plantação de um eucaliptal, na década de setenta do século XX.

As prospecções de campo vieram a revelar uma concentração assinalável de vestígios arqueológicos, maioritariamente pré-históricos. De entre estes testemunhos haverá que destacar sete antas, diversos *habitats* atribuíveis a momentos que se estendem desde o Neolítico antigo até ao Calcolítico e rochas decoradas com arte rupestre.

Na segunda fase dos trabalhos, que decorreu entre 2003 e 2004, procedemos à limpeza da maioria dos sítios, à escavação das antas da Horta e Soalheira e a sondagens nos *habitats* neolíticos do Reguengo (Pedra da Águia) e Porta do Tempo (Locus 1) e ao levantamento e sondagem na área do Santuário, local de maior concentração de arte rupestre da Coudelaria.

A terceira fase dos estudos realizados na Coudelaria de Alter decorreu ao longo de 2005 e parte de 2006. Nesta longa campanha procedemos à escavação da Anta da Várzea Grande e ao alargamento da área anteriormente

sondada nos *habitats* do Reguengo e da Porta do Tempo. Ao longo das duas últimas campanhas também procedemos a trabalhos arqueológicos na Igreja de S. Bartolomeu e na Necrópole Alto-Medieval do Reguengo, contudo, nesta comunicação limitamo-nos, resumidamente, a apresentar os resultados dos trabalhos efectuados nos *habitats*, santuário e sepulcros neolíticos.

2. O contexto

A Coudelaria de Alter, fundada por vontade de D. João V, em 1748, junto à actualmente extinta freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo, a escassos três mil metros de Alter do Chão, configura um caso quase único na paisagem alentejana. Os oitocentos e cinquenta hectares de terra destinados, maioritariamente, para pastagens de cavalos e éguas, encontram-se totalmente murados e, por isso, de acesso muito reservado. Se somarmos a este controlo de acesso a quase inexistência de práticas agrícolas intensivas, tão comuns em todo o Alentejo durante grande parte do século XX, que esventraram até à rocha os solos com a conseqüente destruição de inúmeros vestígios arqueológicos, então entender-se-á melhor a existência e estado de conservação de tão abundante património arqueológico na área da Coudelaria. Contudo, e, provavelmente, porque o acesso às terras da Coudelaria foi, desde sempre, muito controlado, não se conhecia qualquer referência bibliográfica a testemunhos arqueológicos aí existentes. Embora a informação arqueológica sobre a Coudelaria seja inexistente a região onde esta se inscreve foi diversamente abordada por múltiplos autores. Desde Tavares Proença e Leite de Vasconcelos, nos inícios do século XX, passando por Georg e Vera Leisner, em meados do mesmo século, posteriormente Agostinho Isidoro e já na década de oitenta Victor Gonçalves e Rui Parreira, sobretudo os monumentos megalíticos dos concelhos de Crato e Alter do Chão foram, nalguns casos, objecto de inventário e noutros de escavação. É neste contexto arqueológico que deveremos inscrever a ocupação pré-histórica da Coudelaria. Recorde-se que as Antas do Tapadão e Penedos de S. Miguel, os monumentos mais conhecidos do concelho do Crato, se situam a cerca de 8 Km para Norte da Coudelaria em contexto geomorfológico idêntico. Se observarmos a distribuição geográfica dos monumentos megalíticos do Distrito de Portalegre facilmente nos apercebemos como os dólmenes da Coudelaria se inscrevem na mesma mancha de ocupação pré-histórica da pene-planície granítica que envolve a Serra de S. Mamede emergindo, preferencialmente, em solos actualmente incluídos nas classe C e D. Se até agora o conhecimento do mundo dos mortos do neolítico nesta



Fig. 1 Localização da Coudelaria de Alter na Península Ibérica.

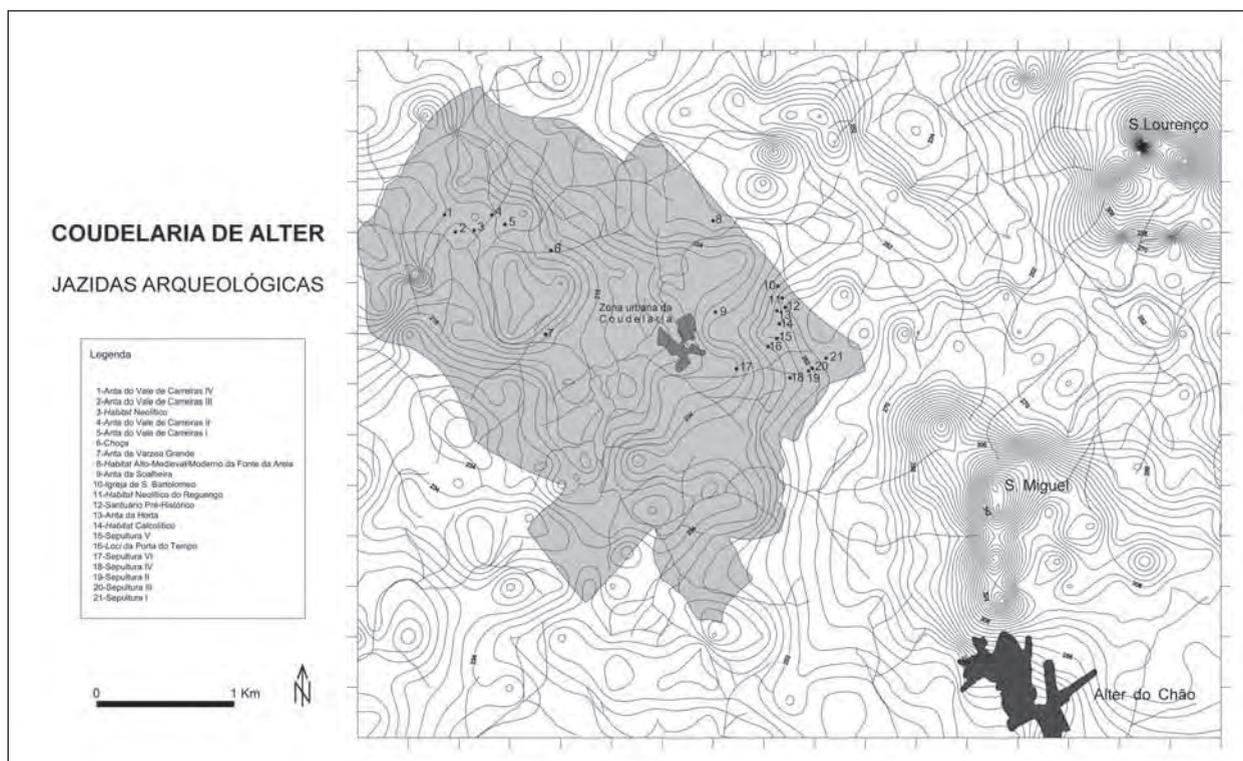


Fig. 2 Planta geral da Coudelaria de Alter.

zona já era minimamente conhecido e inventariado, no que se reporta a sítios de *habitat* e arte rupestre gravada a situação era diametralmente oposta. As reduzidas referências a sítios de *habitat* atribuídos ao Neolítico no distrito de Portalegre resultavam, exclusivamente, de apontamentos de recolhas superficiais, indutores de prováveis ocupações, nunca devidamente confirmadas por acções de escavação. Ao longo dos diversos projectos de investigação que desenvolvemos, desde os finais da década de setenta, no Norte Alentejano, por várias vezes nos referimos a ocorrências superficiais de materiais, sempre nas imediações de afloramentos graníticos, que indiciariam a existência de habitats atribuíveis aos construtores dos dólmens. Contudo, ou porque as oportunidades não surgiram, ou porque as evidências não eram suficientemente claras, mas sobretudo, há que reconhecer, porque não estávamos devidamente alertados, nunca desenvolvemos qualquer investigação nesse sentido resultando numa ruidosa ausência de informação sobre os espaços de vivência das “comunidades megalíticas”. No decurso do projecto que temos vindo a desenvolver na área da Coudelaria, porque os testemunhos superficiais eram demasiado evidentes devido à reduzida mecanização dos solos e porque o financiamento o permitia dirigimos parte dos recursos para a avaliação das ocorrências de superfície com resultados de inegável interesse que aqui, em parte, pretendemos divulgar. Divulga-se também aqui a súpula dos resulta-

dos obtidos nos trabalhos desenvolvidos nas três das sete antas conhecidas na área da Coudelaria.

3. Sítios intervencionados

3.1. Anta da Horta

Esta anta situa-se na área da Coudelaria de Alter numa das poucas zonas onde se denotam alterações morfológicas dos solos decorrentes de práticas hortícolas. Antes de iniciados os trabalhos podiam-se observar dois esteios da câmara ainda de pé e dois tombados. Na zona onde se situaria o corredor apenas era possível identificar um provável fragmento de esteio. A Anta da Horta possui as seguintes coordenadas UTM: X-614119; Y-4342691. Procedeu-se à escavação integral da câmara e corredor e utilizou-se o velho talude que corta a mamoa para estudo da constituição da base da colina artificial que originalmente envolveria todo o sepulcro. Durante a escavação da câmara foi possível identificar um nível superficial de terra muito solta e humosa, com presença maioritária de materiais cerâmicos de todas as épocas. Sob o nível de terra humosa identificou-se uma segunda camada com terras mais compactadas, mantendo-se, contudo, os sinais de revolvimentos. Estas terras tinham uma potência que rondava os 10cm. Neste nível, registou-se a presença de algum material ósseo tendo a sua escavação

sido efectuada pela Equipa de Antropologia da Universidade de Évora. Foram identificados quatro conjuntos de material ósseo, maioritariamente, em conexão. Embora este nível apresentasse terras muito estabilizadas, nalguns locais continuaram a detectar-se materiais romanos e medievais, o que indicia profundas violações ocorridas em várias épocas no espaço definido pela câmara. Já muito perto da rocha de base foram identificadas algumas lajes em xisto, que aparentavam estar *in situ*, principalmente em L - 10, na zona encostada aos esteios ainda de pé. Pelo posicionamento destas lajes poderemos deduzir que, originalmente, a câmara do monumento teria sido totalmente revestida por lajes de xisto. Estas lajes assentavam sobre uma fina camada de argila muito compactada que regularizava o solão granítico. Na restante área da câmara, onde não se verificava a existência das referidas lajes foi detectada esta camada de argila, imediatamente acima da rocha. Neste nível, foram identificados, também, diversos fragmentos de cerâmica lisa, mas muito rolados.

A escavação do corredor, porque se encontrava muito destruído estruturalmente, acarretou algumas dificuldades, sobretudo no que se refere à sua correcta identificação. Mas foi na zona terminal do espaço que ocuparia o corredor que viemos a identificar um notável conjunto de oferendas fúnebres aparentemente não remexidas. Um crânio humano com a face virada para o interior do monumento, sustentado na zona occipital por um calcâneo apresentava-se rodeado por uma alargada panóplia de oferendas, composta por machados e enxós de pedra polida, ídolos-placa de xisto, micaxisto e arenito, cerâmicas carenadas, semi-esféricas e esféricas, placas de arenito sem decoração mas com formas inéditas, lâminas e pontas de seta de sílex. Não foi possível identificar com precisão o posicionamento deste notável conjunto artefactual em relação à estrutura lítica do monumento. A ausência de esteios e alvéolos do corredor, nesta zona, não nos possibilitou perceber se a deposição deste espólio ocorreu na zona inicial mas interna do corredor, se nalgum possível átrio à entrada do mesmo. Este depósito assentava sobre uma fina camada de argila que se unia ao solão de base.

A mamoa era constituída unicamente por diferentes tipos de terra sem qualquer estruturação lítica. Na face externa dos profundos alvéolos abertos no substrato rochoso onde se implantam os esteios da câmara registava-se uma maior compactação da mamoa. Esta compactação parece resultar de uma mistura de argila com fragmentos de granito.

A anta da Horta situada a escassas dezenas de metros de um *habitat* e de um santuário com presença de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo dificilmente a poderemos desligar desse ambiente. Erguida durante o Neo-

lítico, esta anta, de dimensões médias e provavelmente de corredor curto, acolheu no interior da sua câmara funerária diversos enterramentos dos quais chegaram até nós testemunhos de, pelo menos, três deposições em conexão anatômica. Estamos seguros de que estas tumulações não correspondem à primeira fase de utilização do monumento. O piso de lajes de xisto que teria revestido, originalmente, toda a câmara funerária encontrava-se destruído sob estes enterramentos denunciando que estas tumulações terão perturbado deposições anteriores. Os materiais que acompanhavam estas tumulações inscrevem-se, claramente, numa fase atribuível ao neolítico pleno, onde ocorrem cerâmicas lisas e placas de xisto decoradas. Um fragmento de mandíbula de um destes enterramentos foi submetido a datação por radiocarbono fornecendo a data de 3350 a 3020 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194313), o que se inscreve, plenamente, nos contextos do neolítico final desta zona do Alentejo. A zona média do corredor, porque muito destruída, não nos possibilita qualquer tipo de compreensão. Contudo, num momento dos inícios do Calcolítico, se atendermos à presença de taças carenadas, ao fragmento de uma cabeça de alfinete em osso, canelada, e à presença de ídolos-placa em arenito, com decoração em relevo, o monumento volta a ser visitado e objecto de deposição e oferendas. Provavelmente, nesse momento é removido um crânio e um calcâneo do interior do monumento em torno do qual são colocadas as oferendas atrás referidas. Do calcâneo submetido a datação obteve-se a data de 2800 a 2760 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194312), o que nos parece ser uma data demasiado recuada relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara, e ao seu redor foram depositadas diversas oferendas.

À semelhança do que ocorreu na anta da Soalheira, durante o domínio romano ou em fase imediatamente posterior, também este monumento deverá ter servido de abrigo. Justificam esta afirmação a presença de fragmentos de cerâmica romana de construção identificados em terras de revolvimento no interior da câmara. Durante a Idade Moderna e até ao século XX a anta da Horta continua a ser revisitada. Num destes momentos terão sido arrancados os esteios do corredor e escavada grande parte do interior da câmara o que provocou o abatimento interno dos esteios. Num destes momentos de reutilização da anta alguns esteios e o chapéu terão sido partidos para qualquer construção. Testemunham esta afirmação as diversas marcas de cunhas para corte de pedra evidentes em dois fragmentos de esteios da câmara.

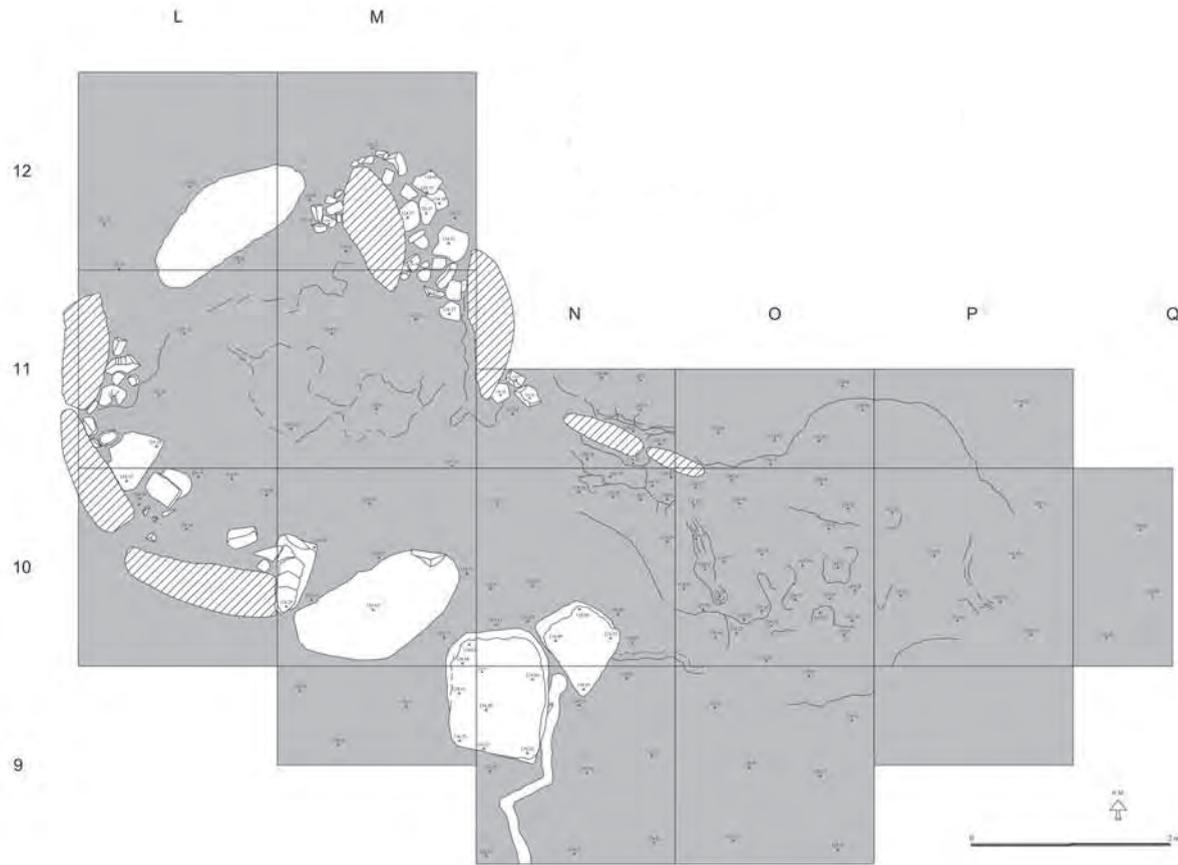


Fig. 3 Anta da Horta.



Fig. 4 Anta da Horta: depósito votivo.



Foto 1 Anta da Horta.



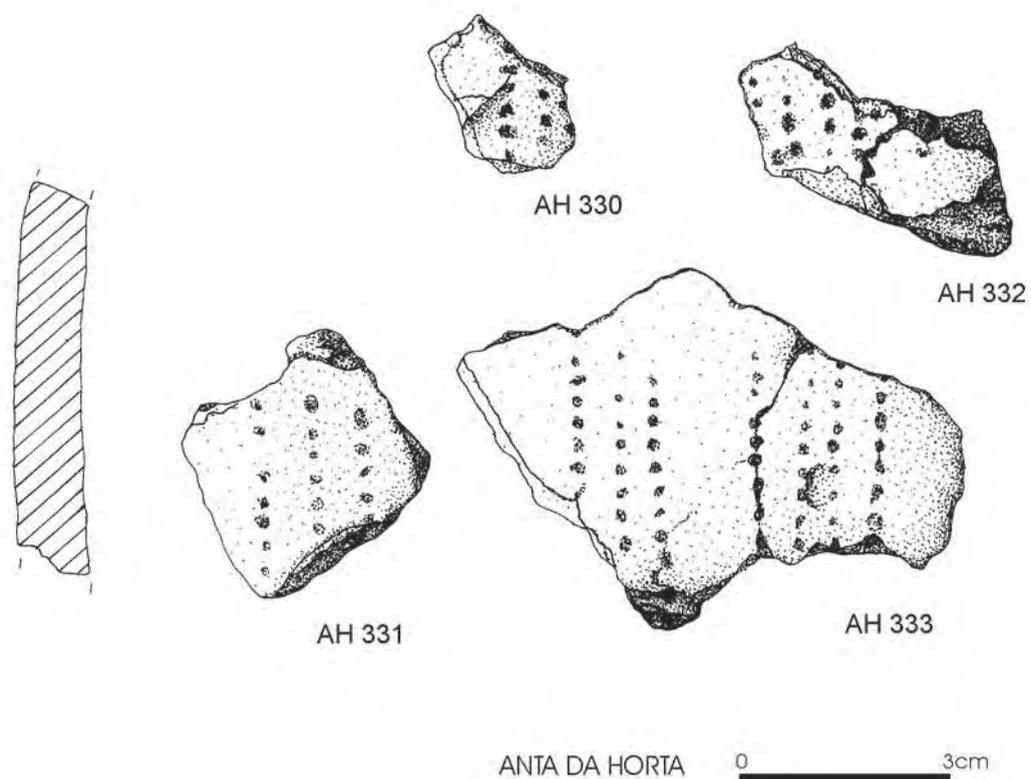
Foto 2 Anta da Horta - depósito de ídolos-placa.



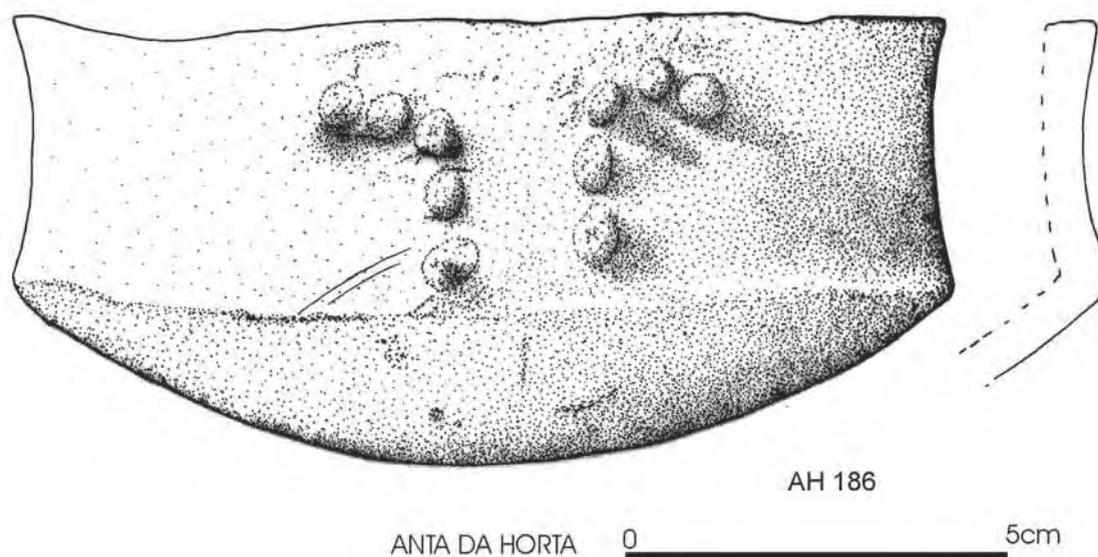
Foto 3 Anta da Horta - área escavada.



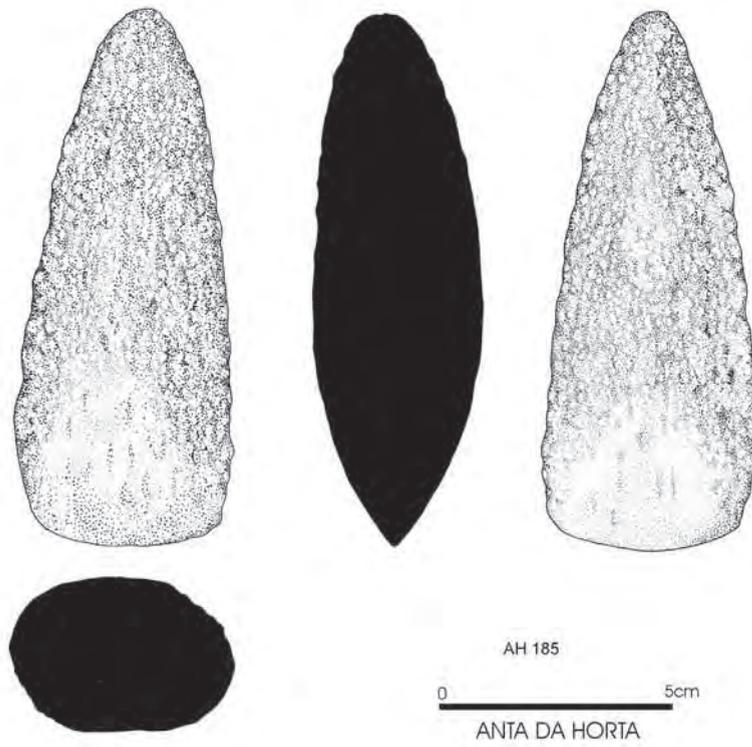
Foto 4 Anta da Horta - ídolos-placa.



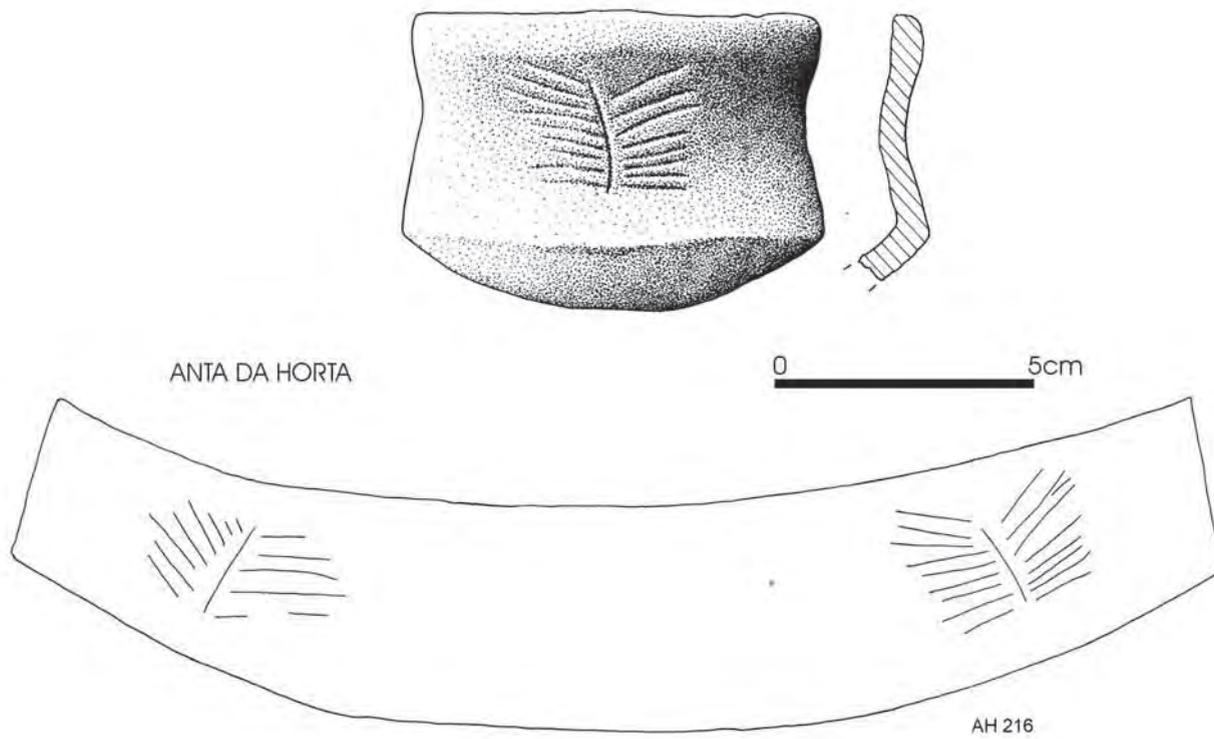
Est. 1 Anta da Horta. Cerâmica decorada .



Est. 2 Anta da Horta. Cerâmica decorada.



Est. 3 Anta da Horta. Pedra polida.



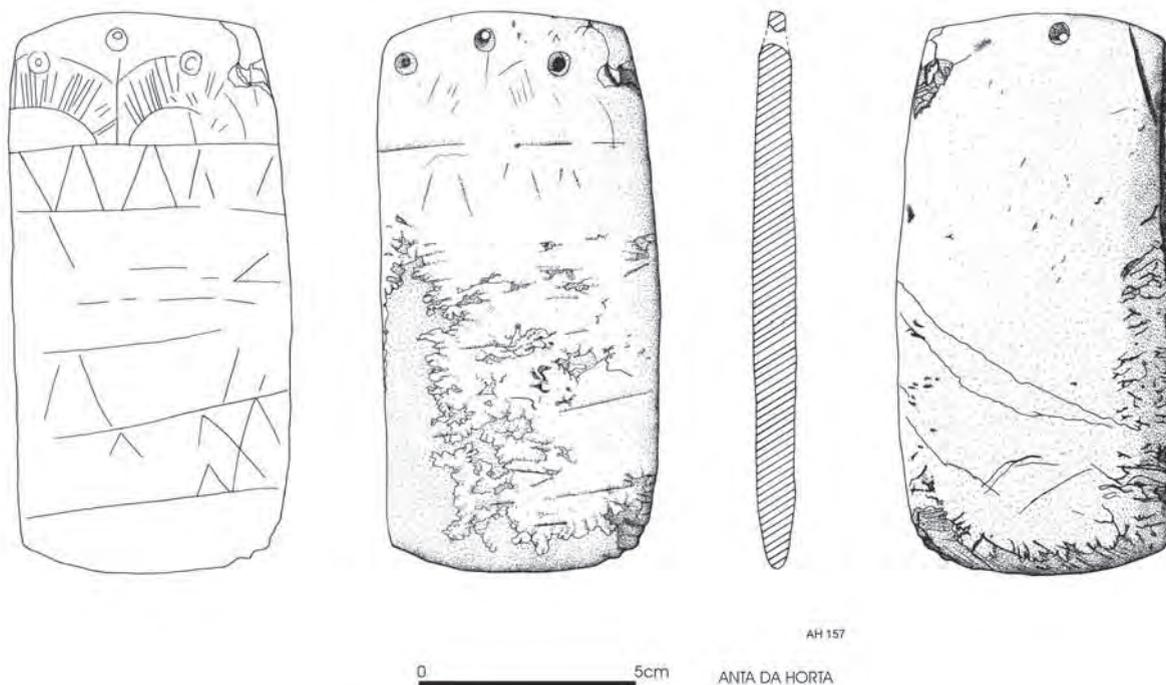
Est. 4 Anta da Horta. Cerâmica simbólica.



Est. 5 Anta da Horta. Placa de grés.



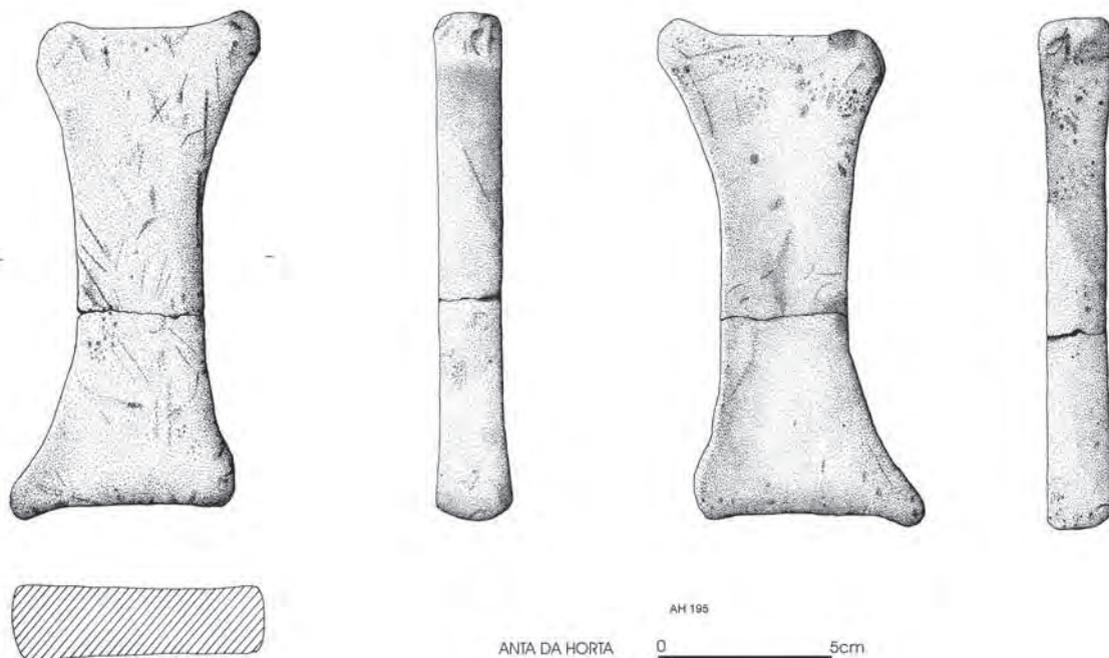
Est. 6 Anta da Horta. Placa de xisto.



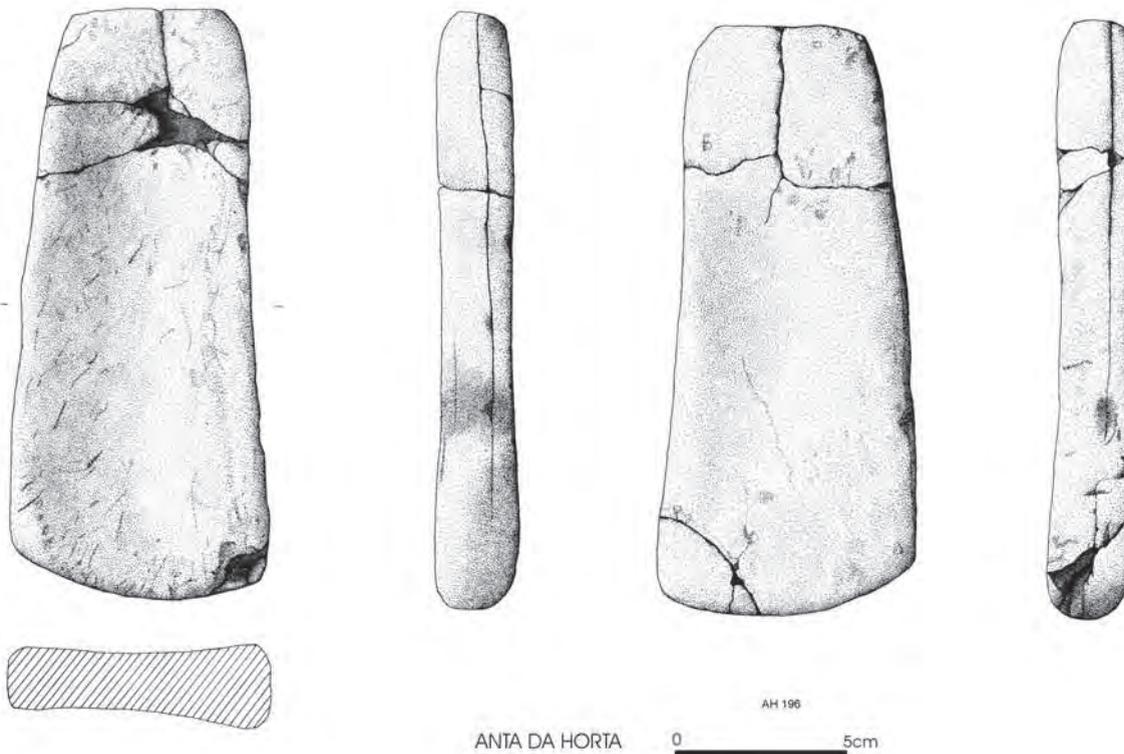
Est. 7 Anta da Horta. Placa de xisto.



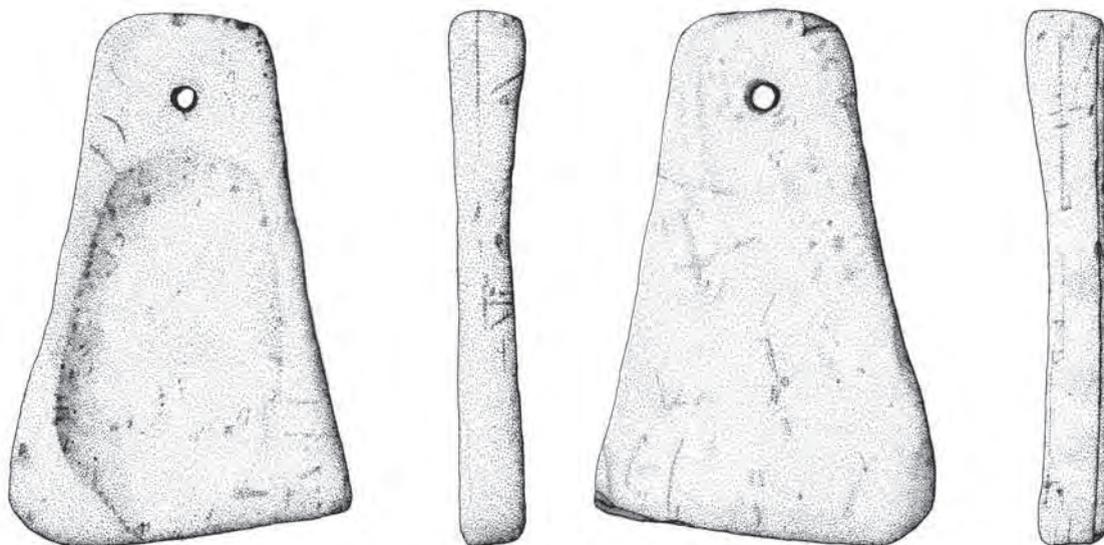
Est. 8 Anta da Horta. Placa de grés.



Est. 9 Anta da Horta. Placa de grés.



Est. 10 Anta da Horta. Placa de grés.



AH 168

ANTA DA HORTA



Est. 11 Anta da Horta. Placa de grés.



AH 162

ANTA DA HORTA



Est. 12 Anta da Horta. Placa de xisto.

3.2. Anta da Soalheira

A Anta da Soalheira situa-se na Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas UTM: X- 613663; Y- 4342679.

O monumento encontrava-se coberto por grandes blocos graníticos, nele depositados durante a construção da pista do galope. Envolveram este sepulcro oito oliveiras. No dólmen eram visíveis vários esteios, todos de granito, maioritariamente deslocados ou fracturados que definiam a câmara e o corredor. Naquela era possível identificar quatro esteios ainda implantados nos respectivos alvéolos e três no corredor. Neste conservava-se, provavelmente ainda *in situ*, um fragmento da cobertura. Era possível observar vestígios do revestimento pétreo da mamoa, apesar desta ter sofrido os efeitos da lavra, ainda que pouco profunda, destinada à preparação dos pastos. Tal como a anta da Horta também neste monumento foram integralmente escavados a câmara e o corredor. Na área da mamoa foi aberta uma curta sondagem na face norte. Durante a escavação da câmara, desde as primeiras terras até ao último nível, identificam-se marcas claras de profundos revolvimentos. Registaram-se quatro níveis na câmara do dólmen, três deles, marcadamente, de revolvimento. Um primeiro nível de terras claras, muito soltas, constituído por muita pedra de pequeno e médio calibre, e por muitos materiais datáveis desde o Neolítico (cerâmica e líticos talhados), passando pela Época Romana (materiais de construção como fragmentos de *tegullae*), até à Época Moderna/Contemporânea (pucarinho). Na base da câmara e na área do alvéolo do que teria sido o esteio de cabeceira identificou-se um fundo de lareira, constituído por blocos de quartzo rolados envoltos por fortes camadas de cinza. Era claramente uma lareira sazonal. Manchas compactas de cinza e carvões eram intervaladas por níveis de terra clara. Por entre as cinzas identificaram-se fragmentos de cerâmica romana de construção, indicando-nos estarmos em presença de um espaço de ocupação temporária, contemporânea do domínio romano, ou da Alta Idade Média. Provavelmente, esta anta depois de violada terá servido de abrigo a pastores que aqui construíram uma lareira, aproveitando o paravento que os esteios, ainda em pé, proporcionariam. Concluída a escavação da câmara iniciaram-se as decapagens no interior do corredor do monumento. À medida que os trabalhos avançavam apercebemo-nos de que este apresentava duas fases construtivas. A primeira fase parece ser contemporânea da construção da câmara, e é constituída por oito esteios, quatro de cada lado, com dimensões significativas. A segunda fase de construção apresenta esteios constituídos por blocos de granito muito mais pequenos. Esta divisão estava bem definida, quer pela presença de uma

cobertura de corredor, aparentemente, *in situ*, pertencente à primeira fase construtiva, quer pela diferença de volumetria e implantação dos esteios, mas sobretudo, pela inflexão para Sul que se denota no prolongamento construtivo do corredor. O corredor apresentava, tal como a câmara, vestígios de profundas violações. Na zona de transição entre os dois espaços encontramos o mesmo nível de terras claras e soltas registado na câmara. Parece que, quem violou o monumento, o fez não só na câmara mas também no início do corredor. O restante corredor, ainda que apresentasse sinais de destruição e revolvimentos, não indiciava o elevado grau de violação constatado nos espaços anteriormente descritos. A partir do final do esteio 11 do corredor, começaram a surgir materiais que pareciam indiciar um nível sem perturbações, com a presença de machados de pedra polida, dois ídolos-placa, em micaxisto, cerâmica pré-histórica, pontas de seta, fragmentos de lâmina e geométricos. A potência média de terras no corredor era de cerca de 0,50 m.

Na zona de transição entre a câmara e o corredor, no espaço interno, foram identificados dois blocos alongados de xisto que parecem ser contemporâneos da construção inicial do monumento. Pela sua posição simétrica e transversal à zona de passagem parecem definir-se como estranguladores simbólicos de acesso à câmara.

A decapagem efectuada na mamoa possibilitou-nos verificar que esta é formada por uma contrafortagem de blocos de granito que se adossam directamente aos esteios. Segue-se um largo anel de terra muito compactada envolvida por um anel lítico periférico.

De igual forma como se procedeu na anta da Horta, também nesta, concluída a escavação procedeu-se à reabilitação do monumento. Os esteios tombados foram replantados nos seus alvéolos e os fracturados, sempre que as partes estavam presentes foram colados. O interior foi preenchido com camadas de terra crivada e pedra compactada. Durante a fase de reabilitação deste monumento, por entre as pedras revolvidas durante as violações identificou-se um menir seccionado em duas partes, que foram por nós coladas. Deste menir estava ausente a porção inferior. Desconhecendo-se o lugar que ocuparia na estrutura tumular da anta foi por nós implantado num abatimento situado a três metros para norte do corredor. A provável cobertura da câmara que se encontrava tombada junto a esta foi colocada no seu lugar original. Devido à ausência do esteio de cabeceira e para estabilizar o equilíbrio do chapéu utilizámos dois tubos em aço que foram implantados no local anteriormente ocupado pelo esteio de cabeceira.

Durante o Neolítico, com peças graníticas obtidas na região, é construída a Anta da Soalheira. A uma câmara definindo um polígono, provavelmente octogonal, cuja regularidade é hoje difícil de determinar, unia-se um

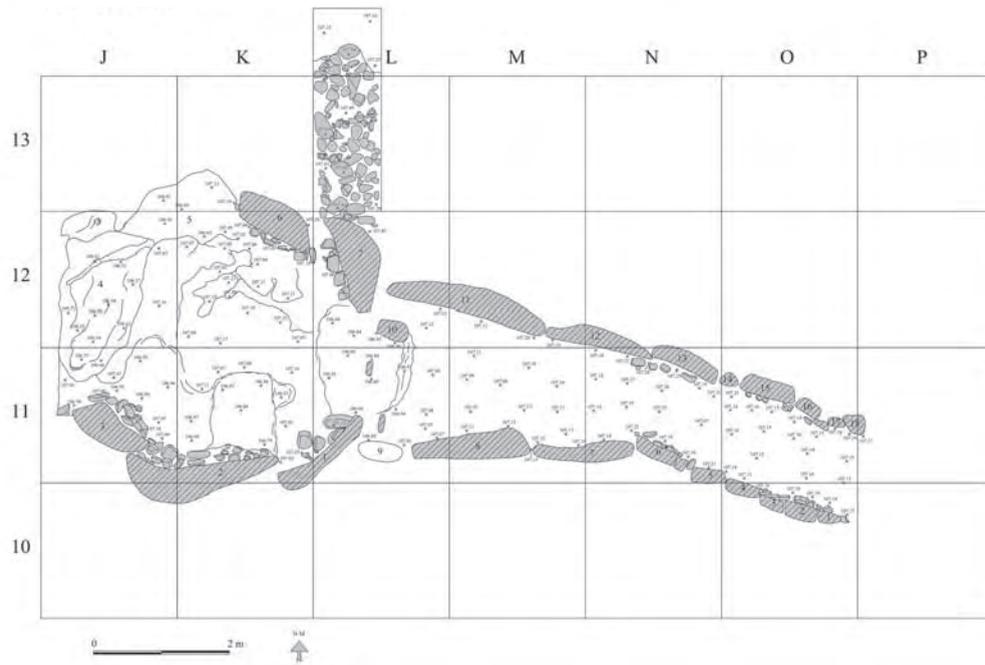


Fig. 5 Anta da Soalheira.



Foto 5 Anta da Soalheira - aspecto da câmara.



Foto 6 Anta da Soalheira - aspecto do corredor.



Foto 7 Anta da Soalheira - vista geral.

corredor orientado a nascente. Numa fase posterior, provavelmente no Neolítico final ou nos inícios do Calcolítico o corredor é alongado. Este acrescento, obtido com blocos de menor dimensão inflecte para sul. A identificação de um menir fracturado por entre os blocos de granito que se acumulavam sobre e de lado do monumento levanta a suspeita da sua pré-existência no

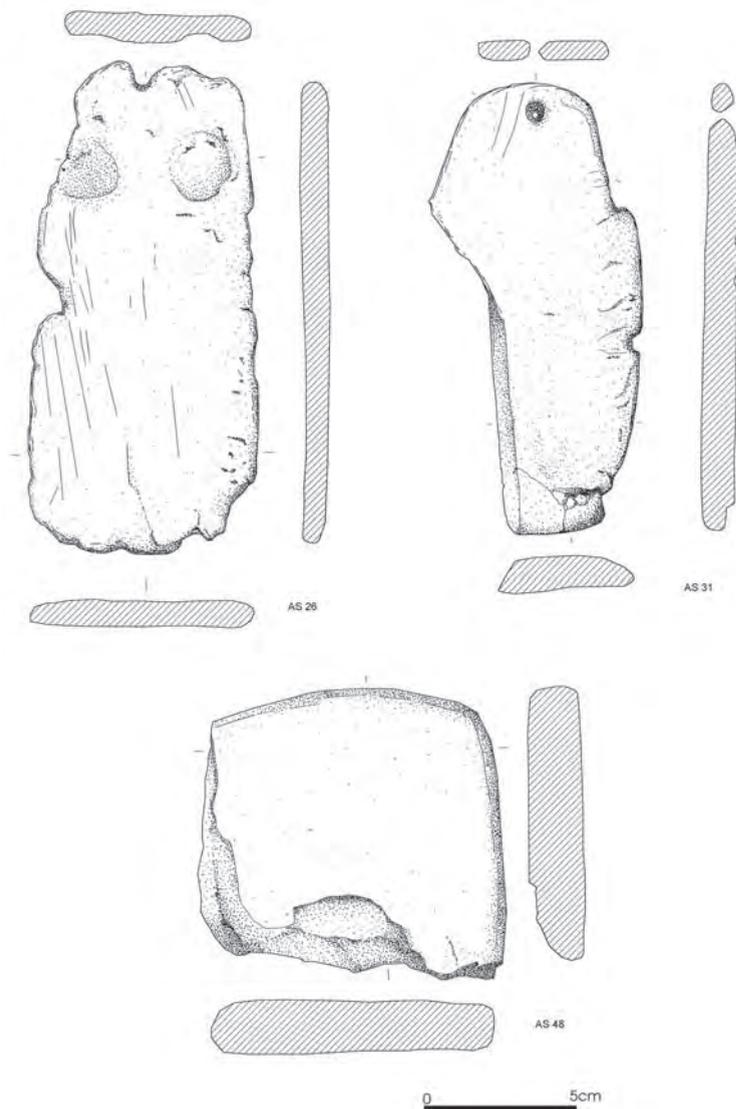
local junto do qual é construído o espaço funerário. Desconhece-se hoje se túmulo se adaptou ao monumento pré-existente, se este foi incorporado como esteio ou, tão só, se conviveram lado a lado. O monumento funerário terá sobrevivido até ao domínio romano. Por essa altura, ou imediatamente a seguir, a câmara funerária e parte do corredor são violados. Parte dos esteios da



Foto 08 Anta e menir da Soalheira.



Foto 9 Anta da Soalheira - ídolo-placa.

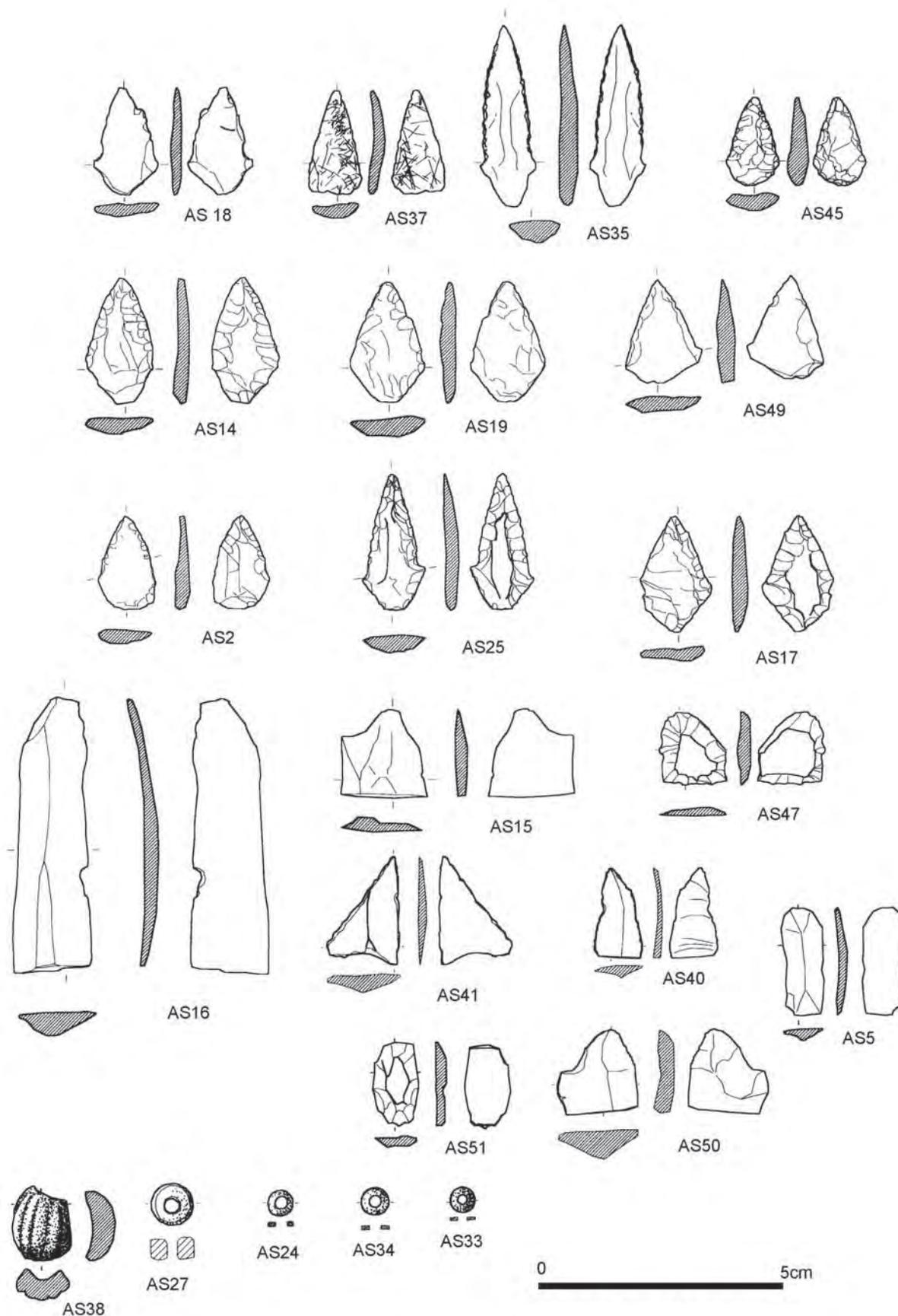


Est. 13 Anta da Soalheira. Placas de grés.

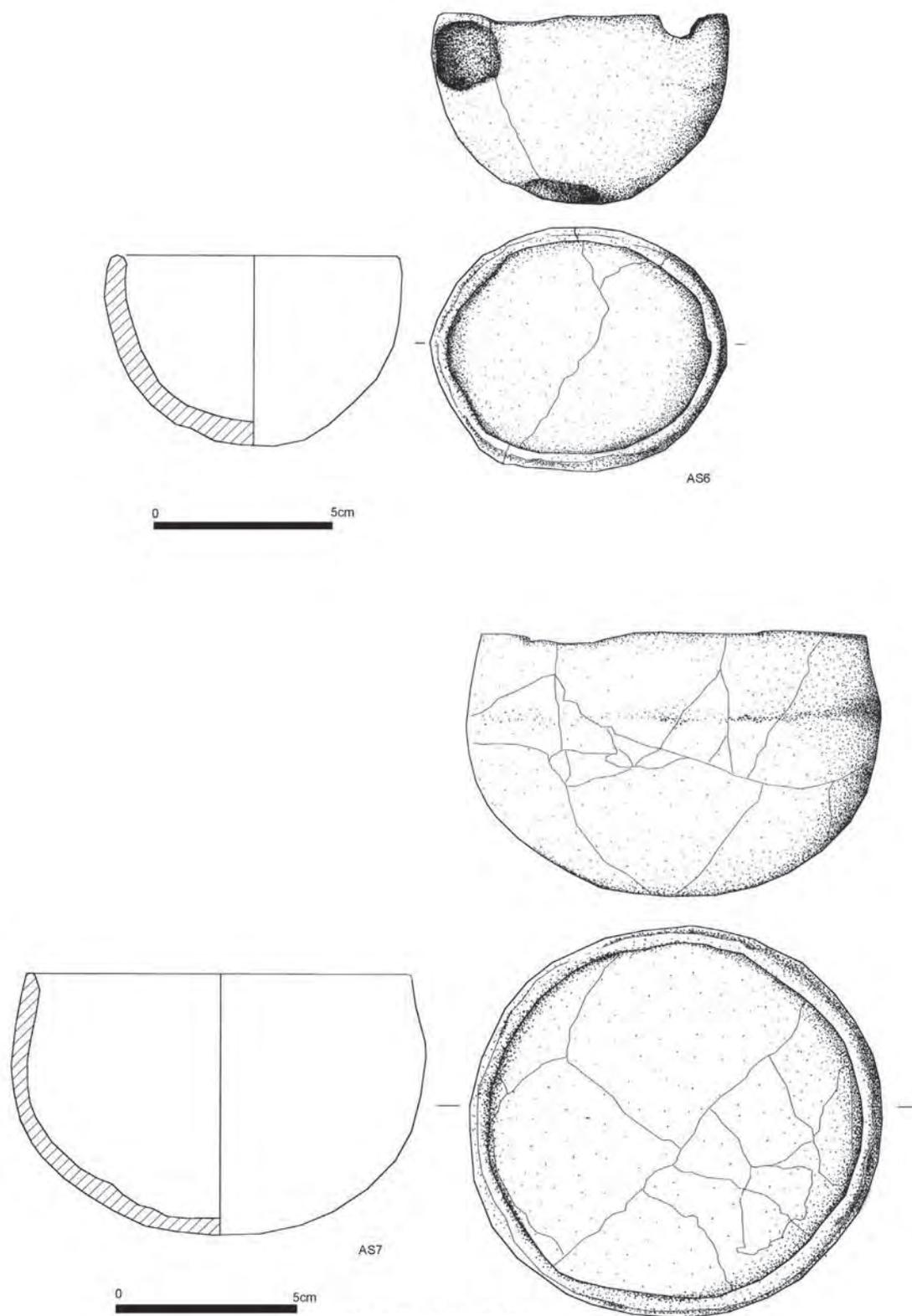
câmara, entre os quais se inclui o de cabeceira, são arrancados e outros fracturados. A câmara é escavada até à base. Sobre o solão de base é montado um empedrado e, continuamente, é acesa uma fogueira. Os esteios conservados *in situ* servem de paravento e protegem quem aí se abriga. Fragmentos de cerâmica de construção romana são incorporados no empedrado. A prolongada ocupação como espaço de *habitat* é atestada pela acumulação de cinzas, ainda que intervaladas, pontualmente, por terras mais claras. As interrupções na compactação das cinzas parecem resultar de ocupações sazonais do espaço, evidenciando momentos, não muito prolongados de abandono. Provavelmente a anta terá servido de abrigo, ou local de pernoita, ao longo do domínio romano durante períodos de fainas agrícolas mais intensas. A sequência estratigráfica existente sobre as cinzas produzidas ao tempo do domínio romano ou já durante a Alta-Idade-Média revelam um prolongado

período de abandono e eventuais revolvimentos de terra. Nos finais da década de noventa do século XX, durante a construção da nova pista de galope, os monólitos que houve necessidade de remover foram depositados sobre as outras pedras que há milhares de anos aí tinham sido erguidas para proteger os mortos neolíticos.

As múltiplas violações sofridas por este monumento ao longo dos tempos perturbaram, significativamente, os depósitos funerários originais. Os reduzidos materiais contemporâneos das tumulações registaram-se com abundantes fracturas e em ambientes de revolvimento, não possibilitando qualquer correlação contextual. Também no corredor o ambiente de revolvimento impossibilitou reconhecer, em termos artefactuais, qualquer distinção crono-cultural entre os dois momentos construtivos. Motivado pelos revolvimentos, mas sobretudo pela acidez das terras não se identificou qualquer resto ósseo em toda a área escavada.



Est. 14 Anta da Soalheira. Pedra lascada.



Est. 15 Anta da Soalheira. Recipientes cerâmicos inteiros.

3.3. Anta da Várzea Grande

A Anta da Várzea Grande localiza-se numa estreita língua de terra, sobranceira à Várzea Grande, a Este das instalações principais da Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas UTM: X- 612400; Y - 4342518.

O local de implantação do monumento apresenta uma potência de solo relativamente fina identificando-se o substrato rochoso a escassos centímetros da superfície. Nas imediações do monumento existem alguns afloramentos graníticos de grandes dimensões formando, lapas, ou abrigos, que poderão ter servido de *habitat* ao tempo da construção do monumento funerário. A Anta da Várzea Grande apresentava-se parcialmente destruída.

O monumento megalítico possui uma câmara poligonal regular. Dos esteios da câmara, todos em granito, chegaram até nós apenas seis. O corredor do monumento apresenta-se completamente destruído. Os seus elementos estruturais tombados e fracturados amontoavam-se uns sobre os outros. O chapéu apresenta-se partido em três partes, localizando-se a porção maior, tombada e invertida, imediatamente por detrás do esteio de cabeceira. Um outro fragmento do chapéu localizava-se na zona do corredor. Neste monumento procedemos à escavação integral da câmara e corredor e abrimos uma sondagem, em toda a sua extensão, na face sul da mamoa.

Na câmara após a extracção da camada humosa identificou-se um nível de terra solta com abundantes

blocos de quartzito rolado, que se dispunham de forma irregular pelo interior da câmara e se estendiam para o início do corredor. Removido o nível de calhaus rolados e até à base do monumento identificou-se um nível uniforme de terras claras pouco compactadas nas quais se recolheu um fragmento de mandíbula humana e um dente de cavalo. O fragmento de mandíbula terá pertencido a um jovem adulto. Ambas as peças foram submetidas a datação por radiocarbono. O dente de cavalo forneceu uma data posicionável na segunda metade do século XVII (Beta - 214598 Cal AD 1650 a 1670; Cal BP 300 a 280), enquanto que a mandíbula, por ausência de colagéneo, não possibilitou qualquer resultado cronométrico. Ao atingir-se a base do monumento reconheceu-se a presença de diversos abatimentos na rocha resultado das violações que terá sofrido.

A escavação do corredor confirmou a profunda destruição que já se presentia no início dos trabalhos. Verificou-se que nenhum dos esteios e blocos graníticos presentes se encontravam implantados nos seus respectivos alvéolos. Toda a zona do corredor apresentava sinais de profundos revolvimentos que se prolongavam até à base. O grau de destruição decorrente de violações afectou também os prováveis alvéolos dos esteios do corredor, tornando-se muito difícil, em fase de remontagem do monumento, a reimplantação dos esteios. O elevado grau de destruição não possibilitou o reconhecimento da dimensão correcta do corredor nem a sua precisa orientação.



Fig. 6 Anta da Várzea Grande.



Foto 10 Anta da Várzea Grande antes da escavação.

A sondagem aberta na mamoa, apesar da diminuta potência estratigráfica, permitiu verificar que ela foi estruturada da seguinte forma: um nível de base inicialmente constituído por pequenos blocos de quartzito rolados, muito compactados e uniformes, assentava sobre uma fina camada de argila que regularizava a rocha de base. Uma segunda camada de blocos graníticos, de dimensões médias, unia-se no nível de seixos rolados. Esta segunda camada foi compactada e consolidada com terra e outros blocos mais pequenos.

Concluída a escavação reimplantaram-se os esteios tombados e preencheu-se o interior do monumento com camadas alternadas de terra crivada e pedra retiradas do interior da anta, durante a escavação.

Durante o Neolítico numa estreita língua de terra sobranceira a uma várzea, drenada por uma linha de água de curso anual foi construído um monumento funerário formado por câmara e corredor de acesso e coberto por uma mamoa. Depois de retirada a terra que cobriria a rocha de base foram abertos alvéolos que receberam lajes de granito obtidas nos afloramentos que rodeiam o monumento. Um desses blocos, o que se encosta, imediatamente a norte do esteio de cabeceira, apresenta uma forma sub-cilíndrica, eminentemente fálica, truncada na extremidade superior. Trata-se de um menir claramente reutilizado no monumento funerário. Esta afirmação advém da deficiente forma de regularização da parte inferior, que se destinava origi-



Foto 11 Anta da Várzea Grande após a escavação.

nalmente a ficar inclusa na terra. Ao ser removido para ser incluído na estrutura funerária os seus construtores tiveram necessidade de partir a parte superior, porque a sua dimensão original ultrapassaria a altura dos outros elementos estruturais. Uma parte substancial da porção que originalmente se encontrava enterrada ficou fora do alvéolo nesta nova função.

Construído o monumento funerário, terá servido para a função a que se destinava. A presença de algum espólio votivo, ainda que muito fracturado e em revolvimento, assim como a presença de pequenos fragmentos ósseos, a isso nos levam a concluir. Em data muito

posterior, pelo menos no século XVII, um dente de cavalo foi parar ao interior do monumento, altura provável da estruturação do que parece ter sido uma base de lareira, antecedida de uma profunda e global violação do monumento. Em datas posteriores, provavelmente já no século XX, o monumento volta a ser mexido, altura em que no interior da câmara é abandonada uma saca de linho, ou parte dela.

3.4. Santuário e *habitats* neolíticos

Durante os trabalhos de prospecção na área da Coudelaria de Alter foram registados diversos locais, maioritariamente junto a grandes afloramentos graníticos e sempre nas imediações das antas, onde ocorrem à superfície cerâmicas pré-históricas muito roladas, restos de talhe em sílex, fragmentos de lamelas e, ocasionalmente, elementos de mó. Estas ocorrências têm maior expressão na Tapada do Reguengo, nas imediações da Porta do Tempo e nas cumeadas sobranceiras às antas do Vale de Carreiras. Na Tapada do Reguengo, zona onde até à década de quarenta do século XX existiu a aldeia com o mesmo nome, ergue-se o maior afloramento granítico da Coudelaria, a denominada Pedra da Águia. A menos de cinquenta metros para sul deste afloramento situam-se outros batólitos, envoltos por vetustas oliveiras, que definem um recanto bem protegido. Neste local, popularmente denominado por Oliveiras do Feitiço e envolto em sugestivas lendas, as superfícies da maioria dos afloramentos apresentam-se gravadas com arte rupestre, da qual se destacam abundantes covinhas, representações astrais e filiformes. A proximidade à Anta da Horta, que se situa a uma centena de metros para poente, e a abundância de materiais de superfície neolíticos em torno da Pedra da Águia levaram-nos a optar por abrir um conjunto de sondagens, quer no interior do espaço das Oliveiras do Feitiço, quer na área envolvente do grande afloramento.

A cerca de quinhentos metros para poente da Pedra da Águia, junto ao primitivo muro da Coudelaria, onde se abre uma pequena porta, hoje denominada por Porta do Tempo, por entre uma mancha compacta de afloramentos entre os quais se desenham recantos bem abrigados registam-se, igualmente à superfície, abundantes vestígios de materiais atribuíveis a momentos iniciais do Neolítico. Pelas características do local, profusão de testemunhos de superfície e proximidade à Anta da Soalheira optámos por, também neste local, abrir três sondagens. A primeira, imediatamente a este da Porta do Tempo, foi aberta no interior de um recanto definido a este, sul e poente por afloramentos e a norte por um muro de pedra seca. Denominámos este local

por *Locus* 1 da Porta do Tempo. A segunda sondagem abarcou toda a ampla área do abrigo central que se desenha no interior da massa de afloramentos. Este local foi denominado por *Locus* da Toca da Raposa da Porta do Tempo. Por último, e por forma a delimitar a área de ocupação abriu-se uma pequena sondagem, *Locus* 2 da Porta do Tempo, no extremo norte do conjunto de afloramentos, junto a uma formação rochosa que se ergue na pendente sobranceira à linha de água.

3.4.1. Santuário das Oliveiras do Feitiço

3.4.1.1. Sondagem arqueológica

Na zona intervencionada diferenciaram-se três principais camadas estratigráficas. O primeiro nível é constituído por terras soltas e granuladas, onde se verifica a presença de materiais de épocas distintas, tais como seixos rolados, em quartzito, que podem indicar um contexto pré-histórico, restos de madeiras, pregos, vidros, cerâmicas recentes e plásticos. Quer pela qualidade da terra, quer pelos materiais exumados, consideramos estar na presença de um nível de revolvimentos recente, provavelmente de uma utilização deste espaço para guarida de animais. Esta camada prolongava-se, em média, até 20cm de profundidade. O segundo nível, com uma potência média de 30cm, apresenta terras menos granuladas e ligeiramente mais compactadas. Estaremos ainda em presença de um nível de revolvimentos, onde se nota a existência de algumas, mas raras e muito roladas cerâmicas pré-históricas, mas também, associadas a fragmentos cerâmicos medievais e modernos, igualmente muito fracturados.

Existe, ainda, um terceiro nível formado por terras muito compactadas, com presença de um número muito reduzido de fragmentos cerâmicos pré-históricos muito rolados. Não se verifica a existência de outros materiais arqueológicos. Este nível encontra-se imediatamente acima do substrato rochoso, e atingia uma potência máxima de 17cm.

Na zona intervencionada apareceram alguns blocos graníticos de dimensão pequena e média não estruturados. A escavação efectuada provou-nos a existência de materiais pré-históricos, eventualmente neolíticos, compostos por fragmentos de cerâmica lisa, dois restos de talhe em sílex e alguns seixos rolados tipo “ovinhos”. Os trabalhos de escavação evidenciaram um pequeno afloramento, até aí coberto com terra onde se pode ver mais uma covinha, com claros sinais de trabalho humano.

3.4.1.2. Rochas decoradas das Oliveiras do Feitiço

Das vinte e duas rochas que compõem este espaço, pelo menos doze apresentam representações gráficas. Maioritariamente, as manifestações artísticas são consti-

tuídas por covinhas. Estas parece terem sido produzidas por dois processos. Consta-se que nas formações graníticas desta zona ocorrem com muita frequência nódulos intrusivos, maioritariamente de forma esférica. Com a sua extracção natural, ou artificial, subsistem no afloramento os negativos, que por si só poderão ser confundidos com as comuns covinhas pré-históricas. Estamos seguros de que algumas das covinhas aqui presentes tiveram origem neste processo. Contudo, observando minuciosamente cada uma delas, constata-se que o seu interior foi regularizado e nalguns casos aprofundado. Se algumas das covinhas resultaram, originalmente, da extracção de nódulos, outras há que foram intencionalmente abertas por mão humana. Na rocha nº1, parece reconhecer-se a existência dos dois tipos acima descritos, o mesmo ocorrendo na rocha 22. Nesta, a covinha existente na face superior poderá ter tido uma origem artificial, enquanto que a identificada na face virada a este resultará da regularização do negativo de um nódulo anteriormente extraído. As covinhas tanto ocorrem nas superfícies horizontais como nas verticais. Na rocha nº17, para além de possuir covinhas de diversos diâmetros e distintas profundidades, parece reconhecer-se a presença de, pelo menos, uma linha vertical. A granulação de grande dimensão e a fraca compactação do granito destes afloramentos, associados à forte erosão que apresentam, torna muito difícil a sua correcta leitura. Esta dificuldade foi ainda mais sentida durante a leitura da rocha nº 20. Esta rocha, ao contrário de todas as outras, não se trata de um afloramento. Ela foi arrancada, transportada e colocada na vertical no extremo norte no interior do recinto das Oliveiras do Feitiço. A superfície aplanada e que apresenta um painel profundamente decorado expõe-se a sul, tendo a parte superior ligeiramente descaída para norte. Esta rocha, igualmente de granito, de grão muito grosso, apresenta claros sinais de múltiplas fracturas intencionais e sinais de outras tentativas de corte não consumadas. Na superfície decorada, do lado esquerdo, são bem visíveis sete entalhes sequenciais para fractura, felizmente não conseguida. No actual limite esquerdo reconhecem-se, ainda, os meios negativos de uma outra antiga extracção que lhe terá separado uma porção em todo o comprimento. O motivo figurativo principal desta rocha encontra-se na zona central da metade superior. Um grande nódulo, ligeiramente aplanado, de forma circular, de cor mais clara, com um diâmetro de cerca de 18 cm, foi intencionalmente avivado no seu contorno. Na zona central foi gravado um outro círculo, com cerca de 6 cm de diâmetro, no centro do qual é observável um pequeno abatimento claramente artificial. Com luz rasante é possível ainda observar que do contorno do nódulo nascem vários raios, configurando, claramente, uma representação solar. Sem querermos

entrar em ambiente de especulação, não gostaríamos de deixar aqui registada a percepção que nos foi dada, ao observarmos com luz rasante este disco solar. Os dois círculos concêntricos e sobretudo o pequeno abatimento central parecem representar um olho, transfigurado num sol. Um pouco mais abaixo, em relevo, ainda que muito desgastadas são visíveis o que parecem ser duas representações lunares. A que se representa imediatamente sob o disco solar parece ter as extremidades viradas para baixo, enquanto que na outra as extremidades estão viradas para cima. Vestígios de outros motivos decorativos, como prováveis serpentiformes, ocorrem por toda a superfície sendo, contudo, hoje já muito difícil de os compreender. Desconhecemos que outros elementos gráficos comportaria a rocha n.º 20, na porção que lhe foi extraída e que eventualmente nos ajudariam a compreender melhor a mensagem gráfica que comporta.

Esta rocha, pela sua carga decorativa, por se tratar da única que aí foi colocada intencionalmente, pela sua posição e orientação e sobretudo pelos múltiplos sinais de acções destrutivas que sofreu ao longo dos tempos, deverá ter desempenhado um papel significativo no ambiente mágico-religioso deste santuário.

3.4.2. *Habitat do Reguengo (Pedra da Águia)*

Nas últimas duas campanhas que desenvolvemos na Coudelaria de Alter abrimos sete sondagens na área envolvente da Pedra da Águia. Cinco destas sondagens foram marcadas, em diferentes sítios, nas faces norte e poente do grande afloramento. Em qualquer delas foram identificadas sequências estratigráficas de terras revolvidas com presença de fragmentos de faianças, *terra sigillata*, material de construção romano, medieval e moderno, pregos, fragmentos de garrafas de vidro e argamassas, algumas ainda com vestígios de cal. Por entre estes materiais ocorriam fragmentos de cerâmica decorada neolítica e restos de talhe em sílex. Trata-se de uma zona que, viemos a saber posteriormente, onde existiram algumas habitações da desaparecida aldeia do Reguengo, justificando-se, assim, os níveis de revolvimento identificados.

A sondagem nº2 incidiu num alongado nicho que se adossa a poente da Pedra da Águia. Neste nicho parece ter funcionado um *habitat* de comunidades neolíticas. Sob uma camada de terra escura e solta registou-se um nível de pedra miúda onde ocorreram fragmentos de cerâmica decorada neolítica, restos de talhe, fragmentos de lamelas, todos em sílex, um talão de machado em pedra polida e dois fragmentos de movente em granito. A sondagem n.º 7, a que melhores resultados ofereceu, foi marcada junto a um recanto da face sul da Pedra da Águia.

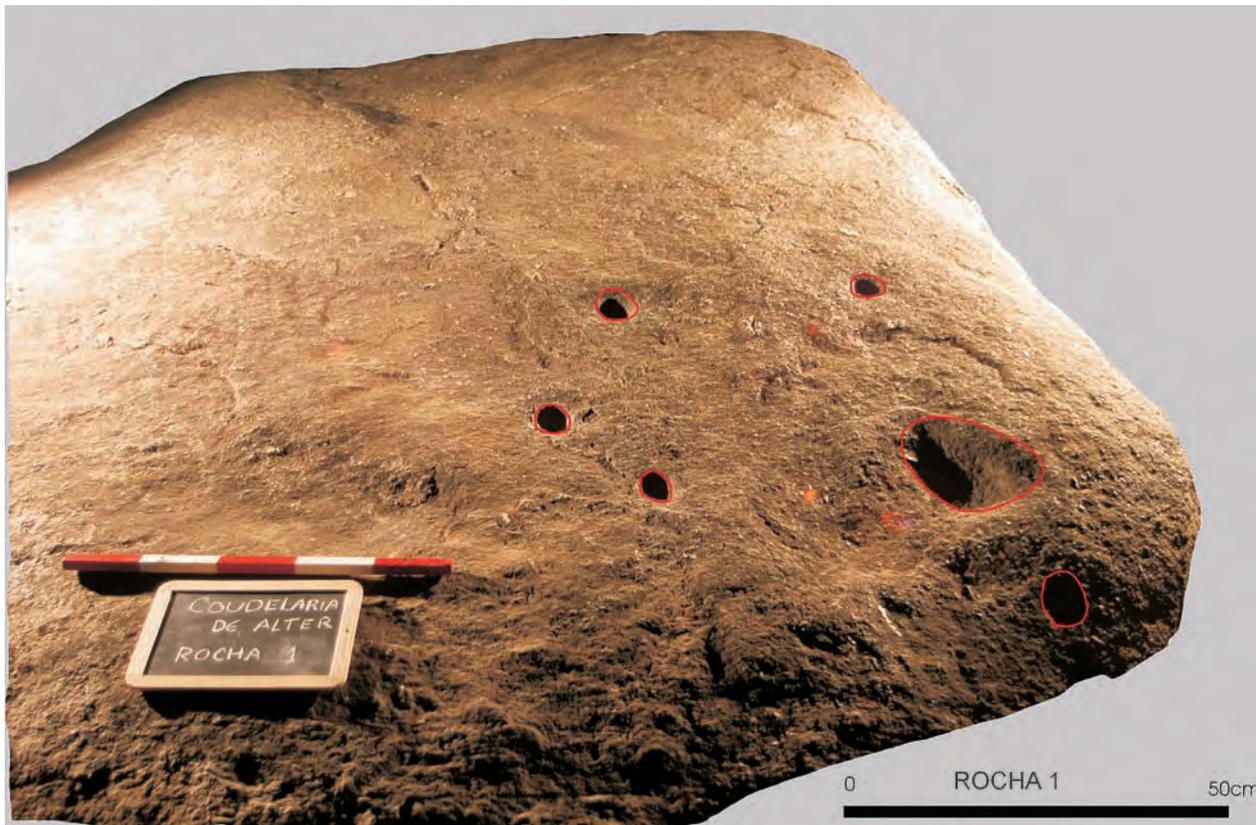


Foto 13 Santuário do Reguengo - Rocha 1.

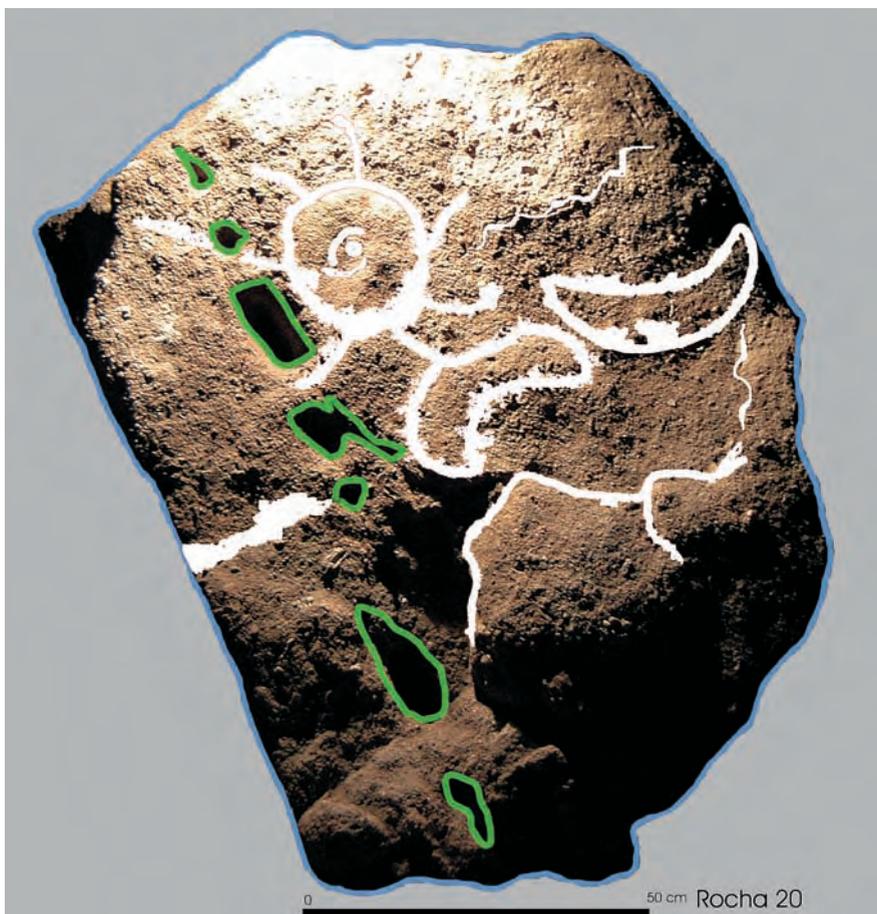
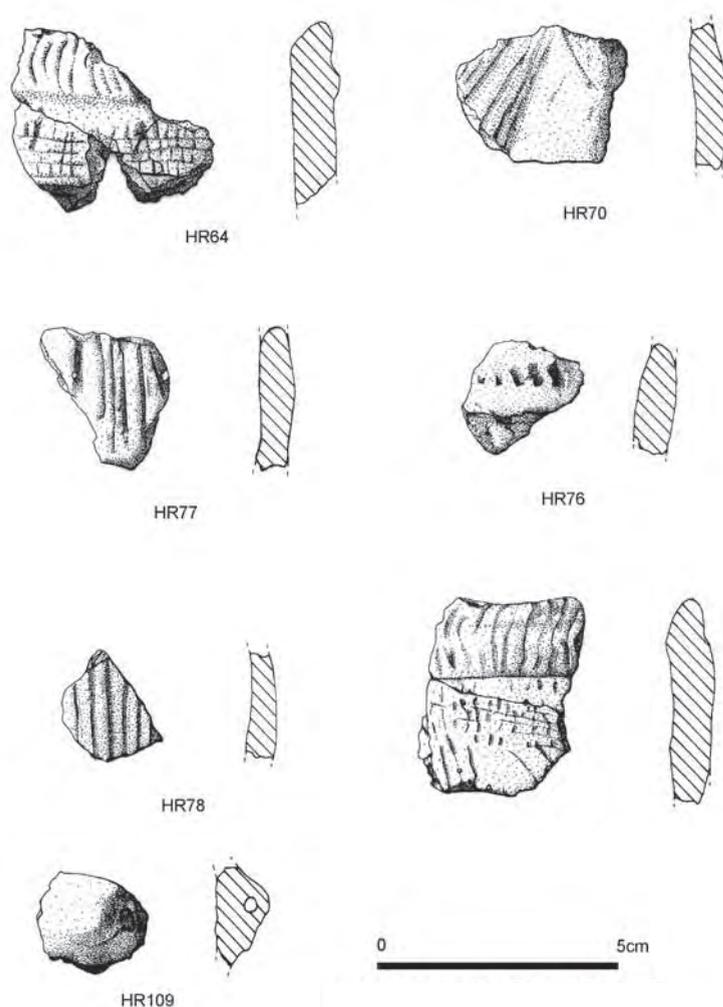


Foto 14 Santuário do Reguengo - Rocha 20.



Foto 15 Habitat do Reguengo - Pedra da Águia.



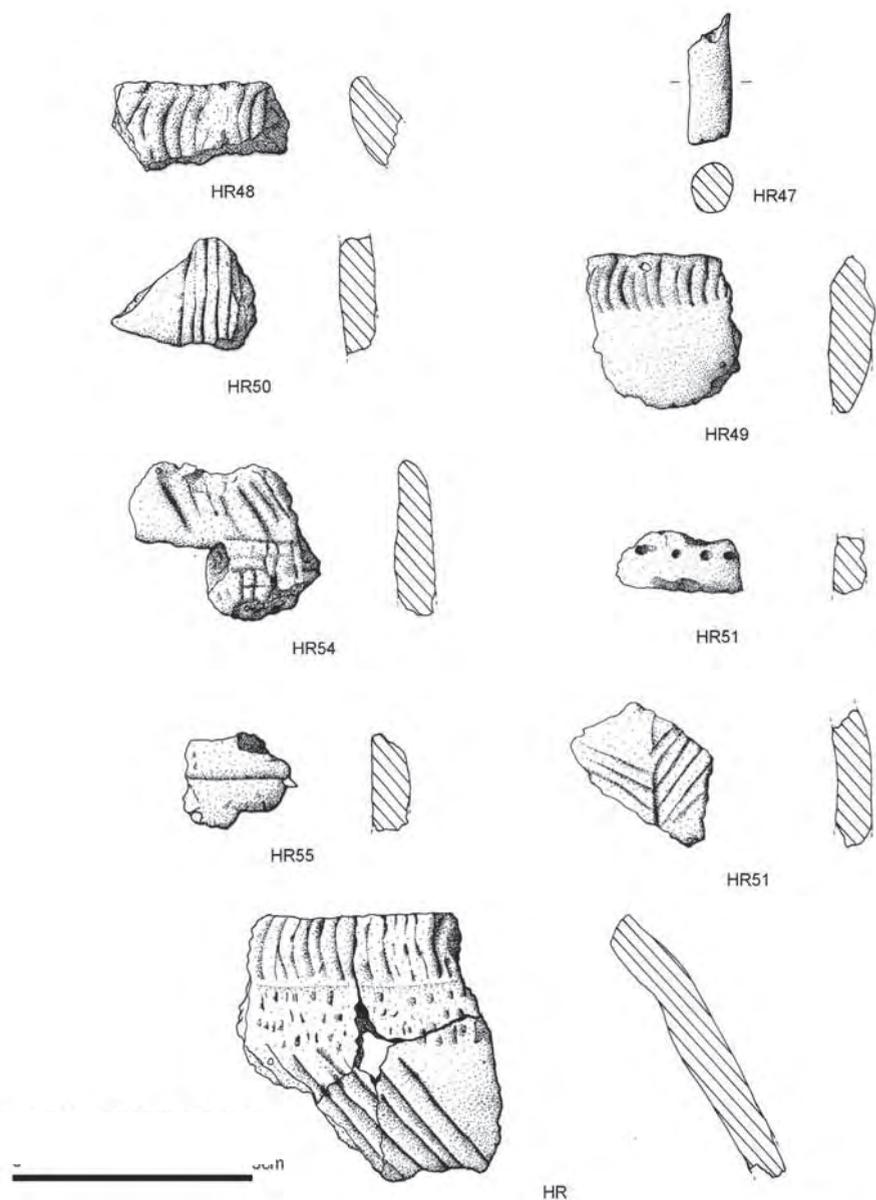
Est. 16 Habitat do Reguengo - Cerâmica decorada.



Foto 16 Habitat do Reguengo - forno neolítico.

Iniciados os trabalhos de escavação deparámos com um primeiro nível bastante semelhante às camadas superiores das sondagens do lado Norte, com constante presença de detritos de construção e mistura de materiais cerâmicos de varias épocas, sem qualquer ordem estratigráfica. Mais uma vez há que referir que nesta primeira camada, muito revolvida, não deixam de estar presentes numerosos fragmentos de cerâmica sem marcas de roda, assim como restos de talhe e fragmentos de lamelas. Nomeadamente, foram recuperados no nível 1 de O e P 9 seis restos de talhe, um núcleo, uma lâmina e uma lamela, todos em sílex, assim como, um talão de um pequeno machado em rocha anfibólica. A cerca de 60 cm de profundidade notou-se uma alteração na coloração e consistência da terra. Neste nível desaparecem os materiais de épocas recentes e começam a registar-se cerâmicas pré-históricas lisas e com decoração, restos de talhe, núcleos e um fragmento de lâmina, todos em sílex e um percutor, em quartzito. Estes materiais assentavam sobre um empedrado, bastante irregular, composto, maioritariamente,

por blocos de rocha granítica escura, de pequena e média dimensão. Este empedrado apresenta-se delimitado a nascente por três grandes blocos também em granito, cuja disposição sugere que tenham feito parte de uma estrutura de *habitat*. A sua forma aproximadamente triangular, acompanha, de forma quase perfeita, o perímetro dos dois grandes afloramentos adjacentes. Bordejava esta estrutura, delimitando os afloramentos, um depósito de terra clara e estéril, com cerca de vinte centímetros de largura média. Esta terra branca preenchia o interior de uma conduta destinada a desviar as águas que escorressem pelas faces dos batólitos. Incluídas na massa de empedrado identificaram-se dois fornos para alimentos, de forma ovalada, formados por argila mais compactada intercalada por um grande número de pequenos nódulos de argila recozida. A sua textura mostra ter sido alvo de temperaturas elevadas, que congregou os nódulos argilosos com a restante terra, igualmente, argilosa. No seu interior, o fundo estava coberto por uma camada de pequenos acumuladores térmicos, conservados *in situ*.



Est. 17 Habitat do Reguengo - Cerâmica decorada.



Est. 18 Habitat do Reguengo - Pedra lascada.

3.4.3. Habitat da Porta do Tempo

3.4.3.1. Locus 1

Este abrigo limitado por afloramentos e por um muro de pedra seca apresentava à superfície fragmentos de cerâmica pré-histórica associados a materiais de construção atribuíveis à Alta-Idade-Média. Tudo parece indicar que uma das últimas ocupações deste espaço esteja relacionada com um curral para gado. Ao longo dos trabalhos de escavação, logo abaixo do primeiro nível de terras muito soltas com *manta morta* e materiais recentes, foram-se definindo algumas pedras de médio e pequeno calibre que não revelaram qualquer consolidação ou disposição estruturada. Poderiam pertencer a um nível de derrube do muro. No nível abaixo dessas pedras existia uma camada de terra, mais compacta, com ocorrência de pequenas pedras soltas e materiais cerâmicos e líticos associados ao Neolítico antigo / médio (fragmentos de lamela em sílex, uma ponta de seta em quartzo, um “micro-crescente” em sílex branco, fragmento de machado de pedra polida, vários fragmentos de cerâmica, um deles com decoração incisa). Imediatamente abaixo desse nível de terra, identificou-se uma camada de argila compactada, já

sem ocorrência de materiais. Este nível assenta, diretamente, sobre a rocha.

Concluiu-se, então, que se trata de um abrigo com vestígios de ocupação atribuível ao Neolítico antigo e que terá sido posteriormente, “ocupado” já em período histórico. O muro que delimita a plataforma foi obtido em pedra seca de médio calibre e será atribuível à primeira fase de ocupação do local. Numa segunda fase, cuja cronologia não podemos determinar com precisão, terá sido reforçado com pedras de maior calibre. A segunda estruturação do muro poderá corresponder à delimitação da vereda que lhe passa junto, configurando o espaço uma pequena cerca para gado.

3.4.3.2. Locus da Toca da Raposa

Este largo abrigo ocupa a zona central do extenso povoado definido por três plataformas, bem reconhecíveis, sobretudo, na face oeste. Um ponto central do *Locus* da Toca da Raposa possui as seguintes coordenadas UTM: X- 29613897; Y - 4342273. Sob uma densa camada de *manta morta* entrou-se num nível de terra escura muito solta que, até à rocha, não permitiu a determinação de qualquer estratigrafia. Nestas terras cuja potência variava entre os dez centímetros e os ses-

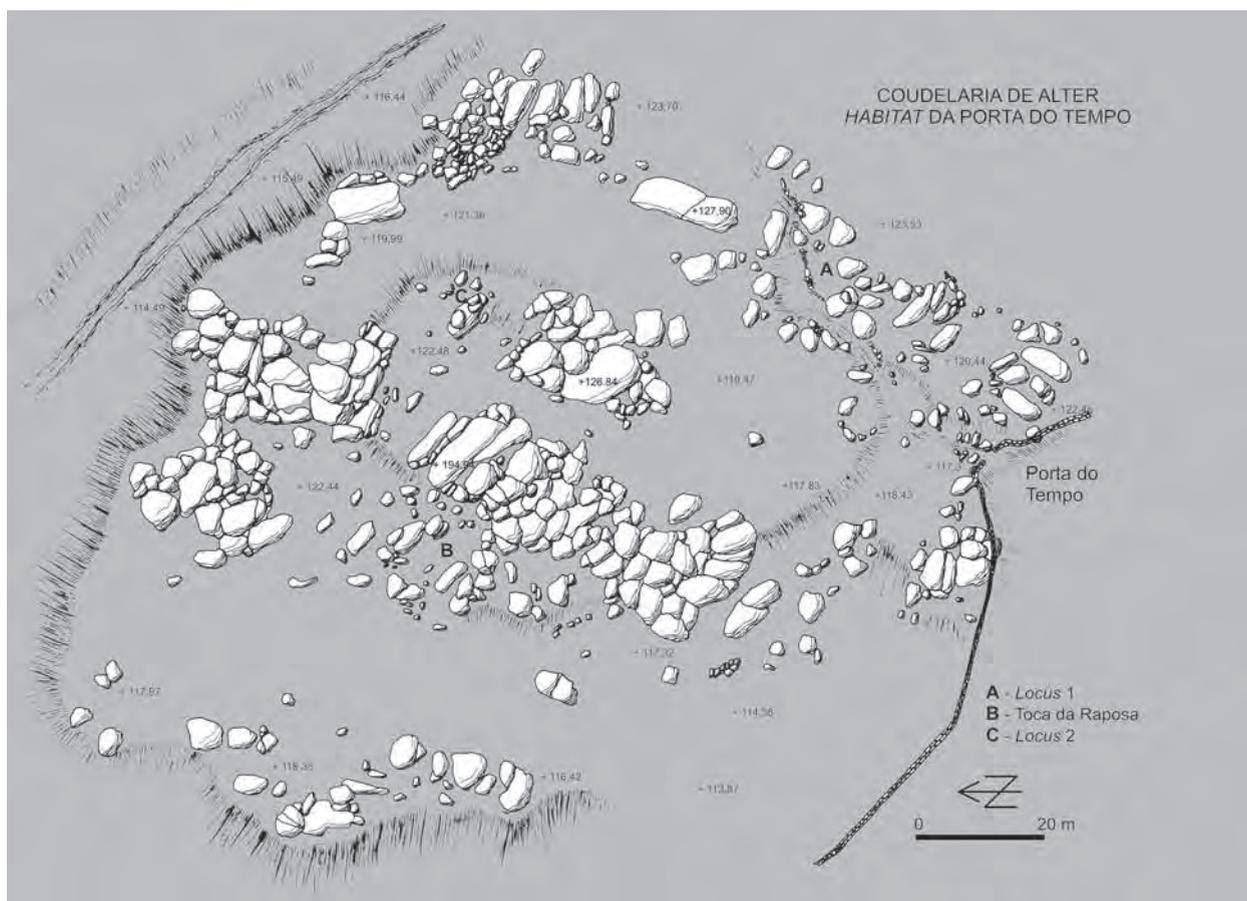


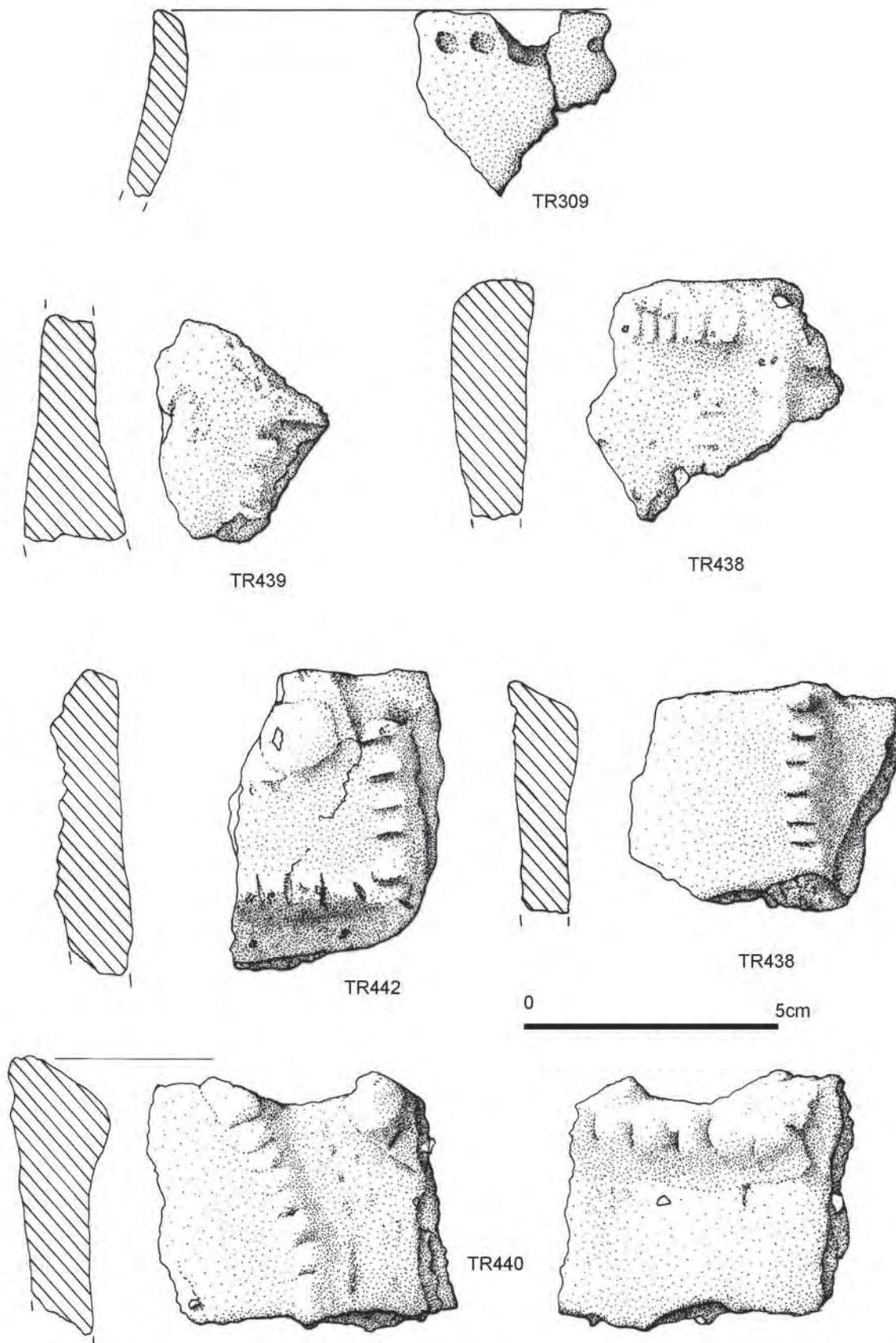
Fig. 8 Habitat da Porta do Tempo.



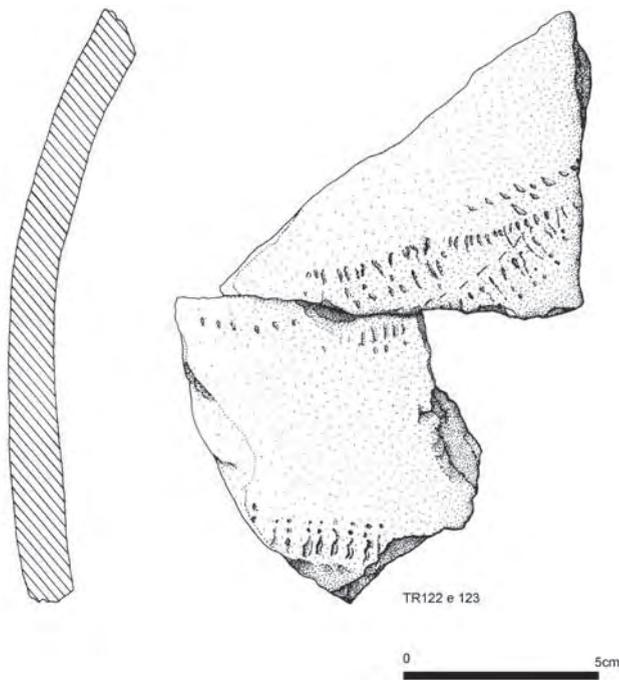
Fig. 9 Habitat da Toca da Raposa.



Foto 17 Toca da Raposa - vista geral do habitat.

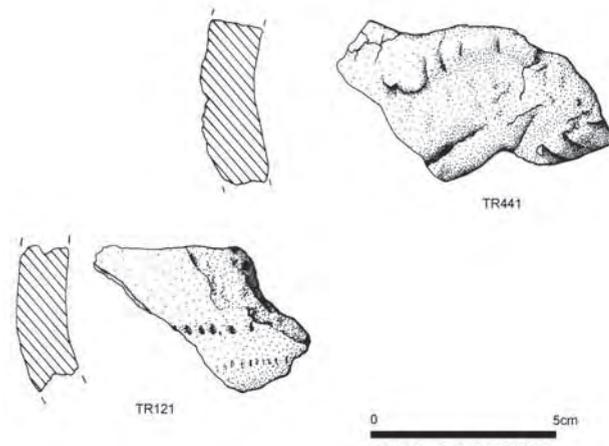


Est. 19 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.

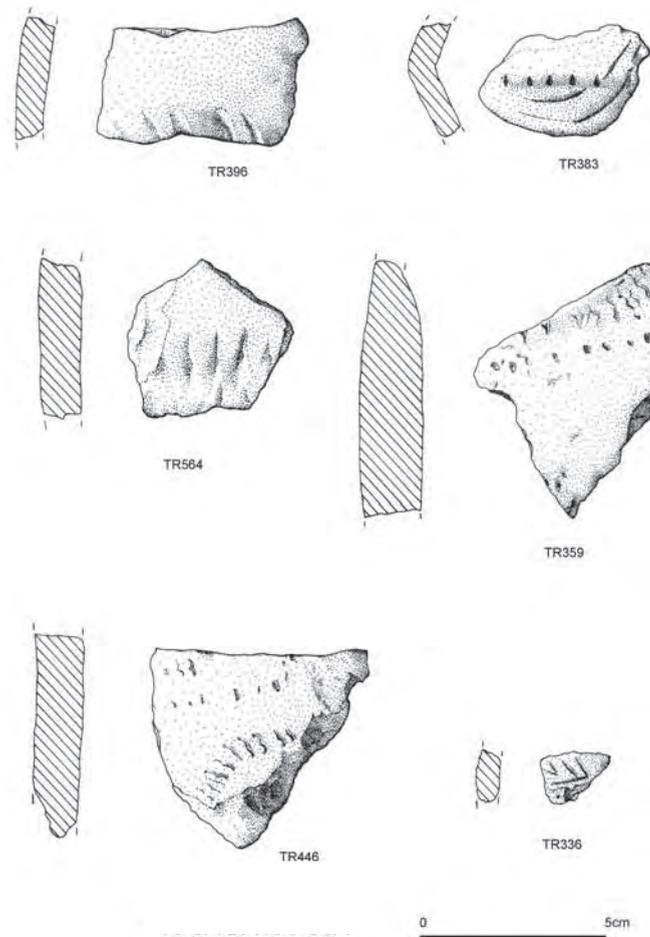


Est. 20 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.

senta, ocorreram de forma muito desconexa fragmentos de cerâmica, lamelas, núcleos, maioritariamente em sílex, percutores de quartzo e granito, machados de pedra polida, de secção circular e elementos de mó. As cerâmicas identificadas, lisas e decoradas, apontam para ambientes balizáveis entre o Neolítico antigo e inícios do Calcolítico. O espessamento de alguns bordos e as formas levemente abertas, conotáveis com os inícios do Calcolítico contrastam com as cerâmicas de superfícies decoradas, atribuíveis ao Neolítico mais antigo. Estes materiais foram registados sobre um nível muito irregular de empedrado, semelhante ao identificado na sondagem nº7 da Pedra da Águia. Na zona central deste *habitat* identificou-se uma estrutura de argila cozida, conservada *in situ* correspondendo, provavelmente a uma base de aquecimento, com uma forma alongada, mas irregular, fragmentada no perímetro, com cerca de 30 cm por 20 cm. Em torno desta base de combustão eram visíveis termoclastos, embora não fosse possível identificar matéria orgânica carbonizada. Por entre os termoclastos de quartzito recolheram-se fragmentos de cerâmica com decoração, restos de talhe em sílex e lamelas em sílex e quartzo. Contornava os afloramentos delimitadores do abrigo uma conduta para escoamento das águas pluviais que escorrem pelos batólitos. Esta conduta é formada por finas placas de granito colocadas sequencialmente que encaminham as águas para o exterior do abrigo. A curta distância da placa térmica identificou-se um buraco de poste estruturado com cerca de vinte centímetros de profundidade e um

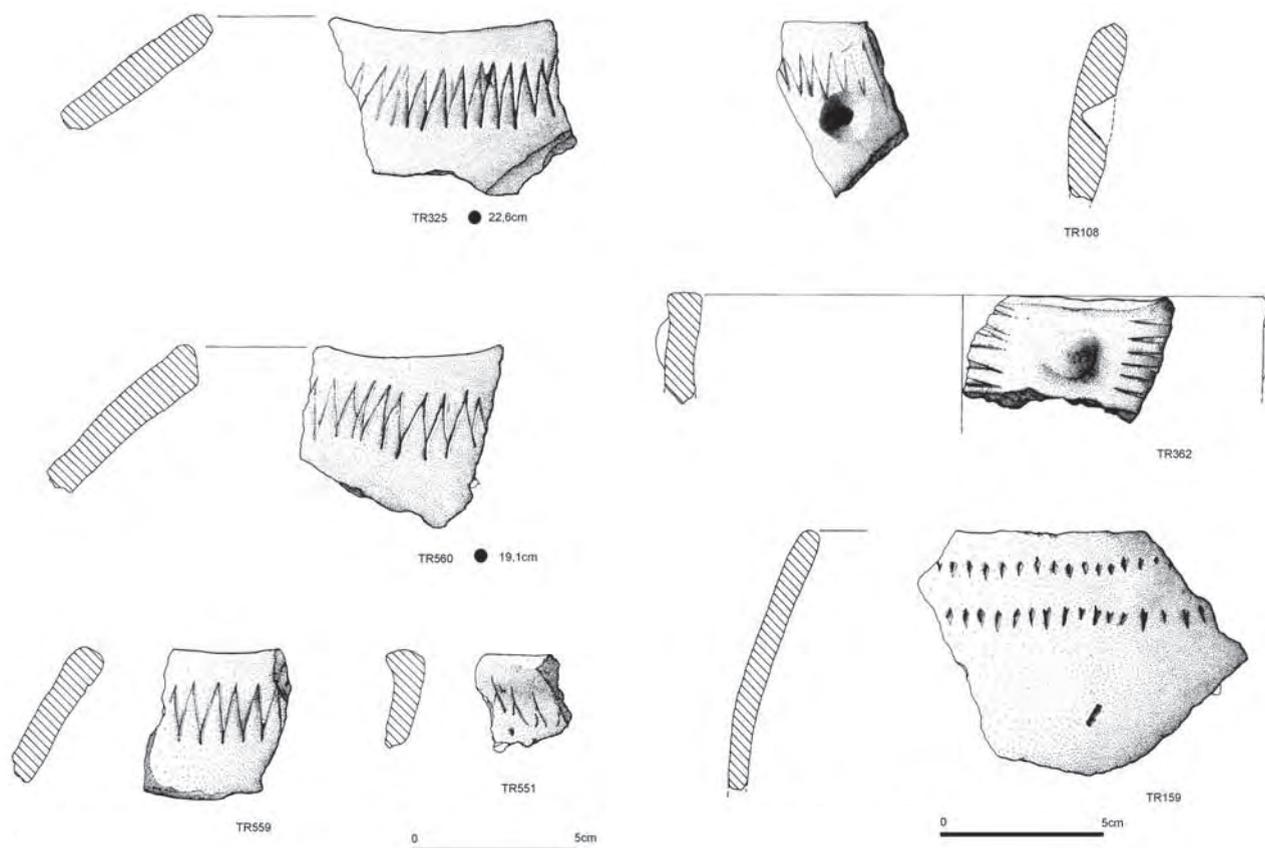


Est. 21 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.



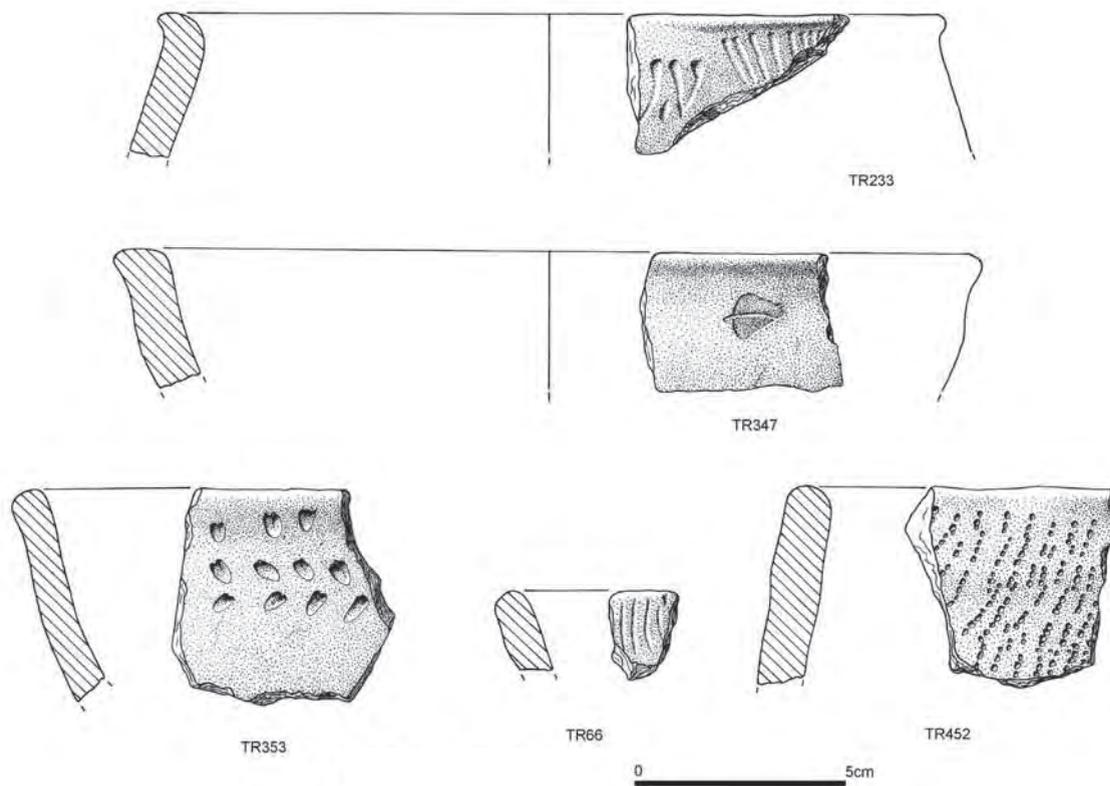
Est. 22 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.

diâmetro médio de quinze centímetros. A placa térmica, a caneira e o buraco de poste indicam-nos estarmos em presença de um espaço que terá possuído uma cobertura, sustentada por poste ou postes de madeira.

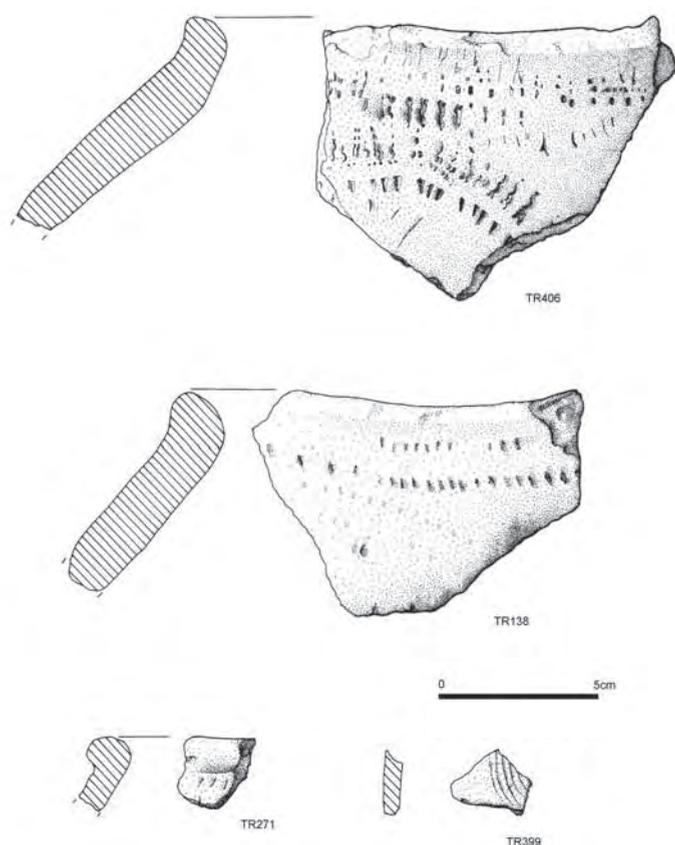


Est. 23 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.

Est. 24 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.



Est. 25 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.



Est. 26 Toca da Raposa. Cerâmica decorada.

3.4.3.3. Locus 2

Confirmada a ocupação, durante o Neolítico, das faces sul e oeste, destas formações graníticas importava avaliar se na face menos protegida, exposta a norte, se registava a mesma densidade ocupacional. Assim, elegeu-se um pequeno abrigo, virado a norte, no início da pendente sobranceira à linha de água, que denominámos por *Locus 2*. Este abrigo encontrava-se coberto por uma manta morta devido à proximidade de duas oliveiras e vários arbustos. A conservação do local também foi condicionada pela presença das raízes destas árvores. Devido ao facto do local apresentar algum declive, esteve sujeito à acção de escorrência das águas pluviais, o que condicionou os depósitos aqui existentes. Sob a camada vegetal uma segunda unidade estratigráfica formada por terras com a mesma coloração escura, embora um pouco mais compactadas que no nível superior, ocorre o que designámos por nível detrítico. É constituído por vários blocos líticos com dimensão média e pequena, em quartzo, quartzito e granito, provenientes de cotas superiores, e resultantes da escorrência de águas pluviais, devido à forte pendente do local.

Neste mesmo nível a profusão de materiais de várias épocas também se voltou a comprovar. A perturbação estratigráfica do local, devido sobretudo à forte pen-

dente, impossibilitou uma precisa definição de unidades estratigráficas. Contudo, estatisticamente, a cotas inferiores corresponde um maior número de materiais arqueológicos com tipologias mais recuadas, que poderemos posicionar nos inícios do Neolítico. Em cotas mais superficiais ocorrem, maioritariamente, materiais que se podem atribuir a momentos dos finais do Neolítico, ou mesmo já dos inícios do Calcolítico. Este facto diz respeito tanto aos materiais cerâmicos como líticos. Formas cerâmicas fechadas e decoradas ocorrem paralelamente a formas abertas, mais evoluídas o que indicia uma ocupação continuada no tempo neste local. Foram identificadas cerâmicas decoradas, por técnica incisa, impressa e puncionada e também foram recolhidos alguns fragmentos com decoração plástica, a par de fragmentos de taças lisas. Relativamente aos artefactos líticos foram encontrados fragmentos de lamelas e lâminas em sílex, grande número de restos de talhe e núcleos, em quartzo e sílex, percutores, maioritariamente em quartzo e quartzito, elementos de mó fracturados (dormentes e moventes), um pendente de forma sub-retangular em xisto e uma conta de colar, fracturada, de forma bi-cónica, em âmbar. Neste contexto de revolvimento, mas na cota mais baixa identificou-se um



Foto 18 Toca da Raposa. Locus 2 - vista do exterior.

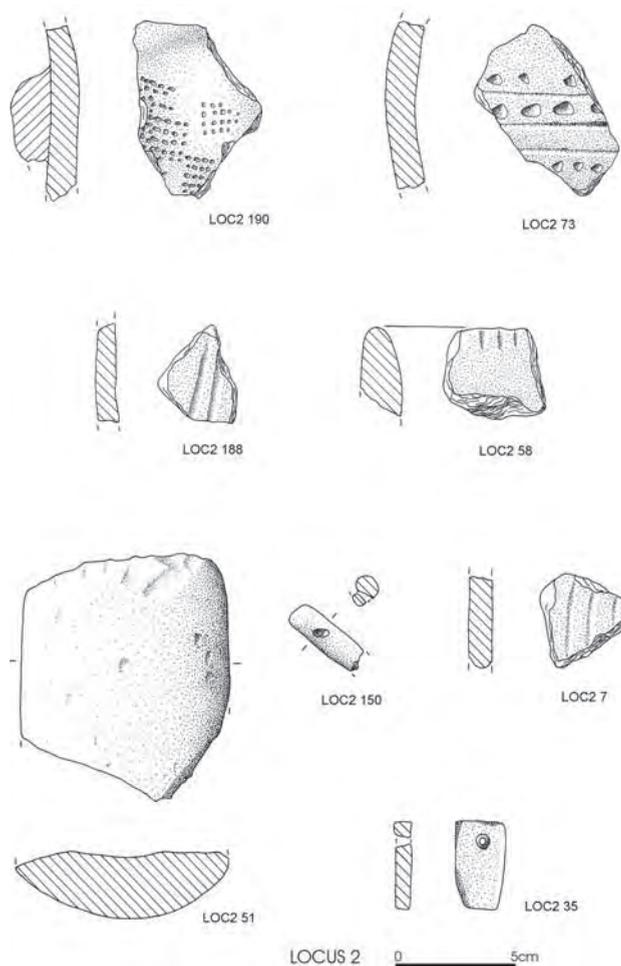


Foto 19 Toca da Raposa. Locus 2 - vista geral da área escavada.

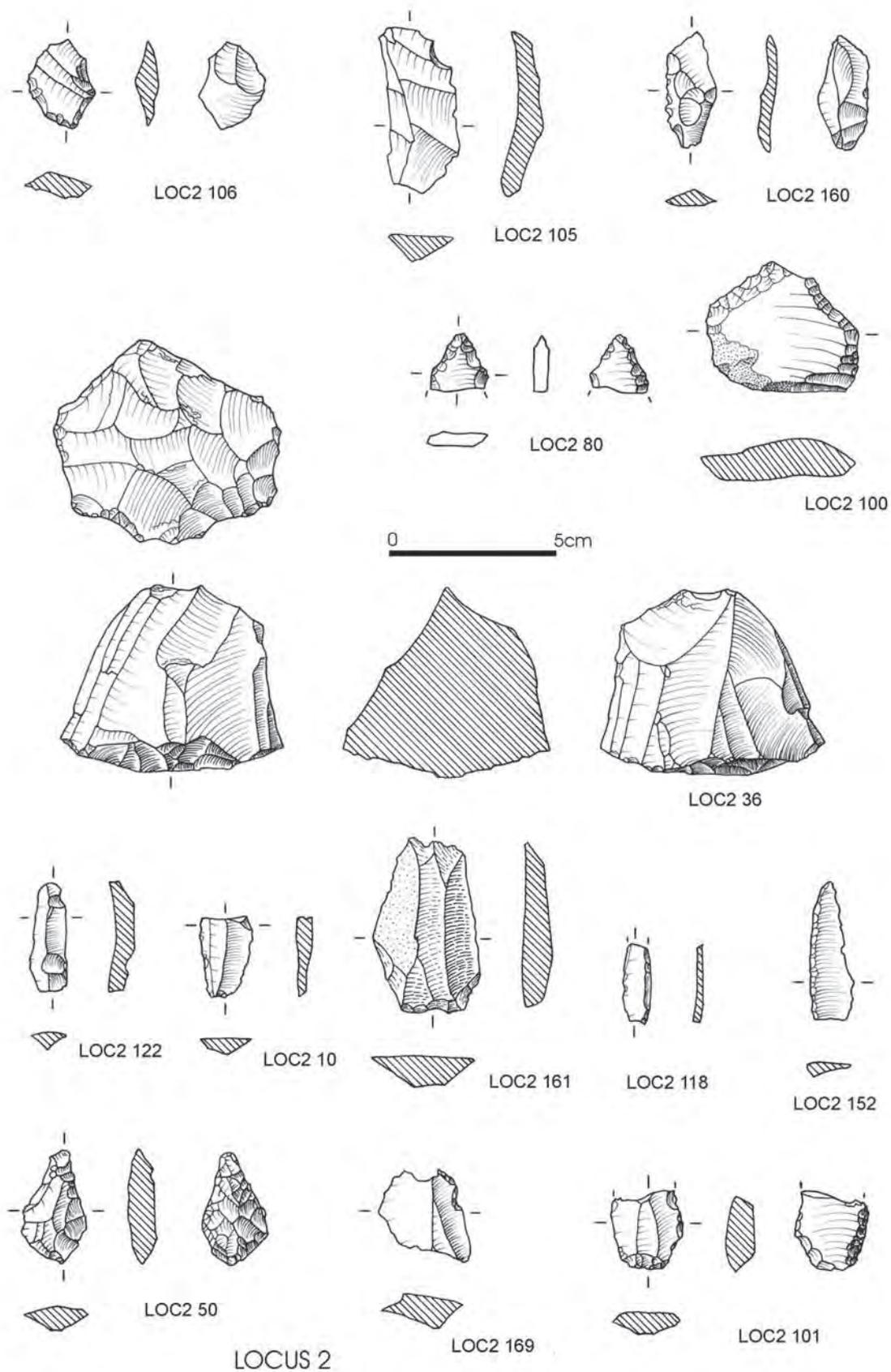
fragmento de placa em arenito, que mostra poder tratar-se de um ídolo-placa em fase de acabamento, embora fracturado. Contudo, é necessário salientar o contexto de revolvimento em que todos estes materiais ocorreram, principalmente, devido à presença constante de raízes das várias oliveiras que circundam este espaço e à pendente do local. Ainda neste horizonte estratigráfico foi identificado um aglomerado pétreo formado por pedras de pequeno calibre, que se encontram compactadas. Poderá ser o que resta de um empedrado. Este apenas se verifica numa área muito restrita, junto ao grande afloramento granítico, em torno do qual se identificou, mais uma vez, uma caneira, não estruturada, para transporte das águas pluviais, idêntica à registada junto à Pedra da Águia.



Foto 20 Toca da Raposa. Locus 2 - fragmento de ídolo placa.



Est. 27 Toca da Raposa. Locus 2. Cerâmica: fragmentos de recipientes e de utensílios vários.



Est. 28 Toca da Raposa. Locus 2. Pedra lascada.

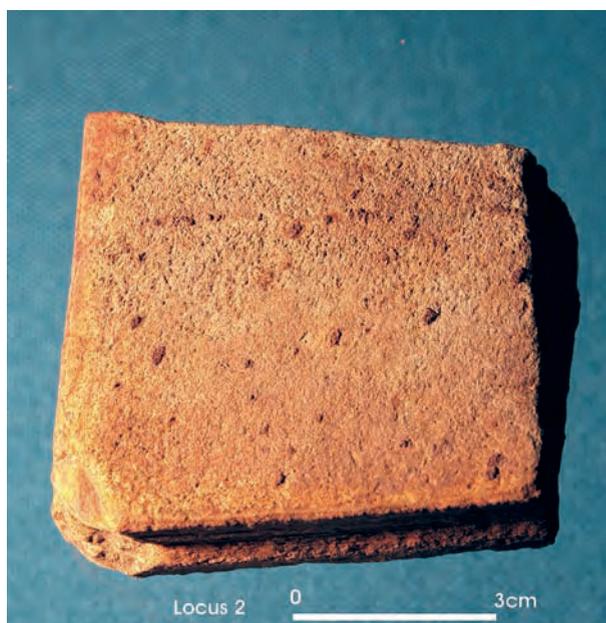
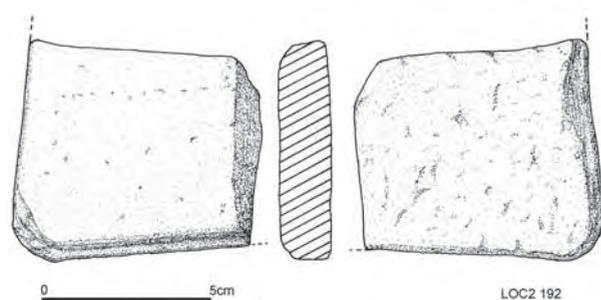


Foto 30 Toca da Raposa. Locus 2. Placa de grés.



Est. 29 Toca da Raposa. Locus 2. Placa de grés.

4. Contextos e problems

Os trabalhos de prospecção e escavação arqueológicos realizados na área da Coudelaria de Alter revelaram uma continuada e ininterrupta ocupação humana do espaço. Reconhece-se que esta antropização se inicia com as comunidades de caçadores / recolectores, cujos testemunhos são reconhecidos, maioritariamente, nas margens das duas principais linhas de água, mas são os vestígios das primeiras comunidades de agricultores e pastores que marcam a paisagem. Nos oitocentos e cinquenta hectares que formam esta propriedade parece reconhecerem-se três unidades com evidências arqueológicas e, em qualquer delas, são os testemunhos do Neolítico aqueles que mais se destacam. A unidade do Reguengo, que pela diversidade de testemunhos se poderá denominar de Complexo Arqueológico e porque foi onde incidiu, maioritariamente, a nossa investigação, é aquela que até ao momento nos pode fornecer mais informação e sobre a qual assentarão,

especialmente, as nossas reflexões e interpretações. As outras duas unidades, a de Vale de Carreiras e a da Espera d'El Rei, separadas pela Várzea Grande, poderemos entendê-las como territórios com dinâmicas e especificidades antrópicas próprias.

4.1. Habitats pré-históricos da coudelaria

Foram os solos arenosos e bem drenados da Coudelaria que justificaram a forte ocupação por parte dos primeiros agricultores e pastores e que, passados milhares de anos, no século XVIII, voltaram a ser escolhidos para acolher a “Eguada Real”. A incipiente tecnologia agrícola das primeiras comunidades neolíticas, ainda incapaz de domesticar solos pesados, obrigou-as a optarem pela exploração de terrenos mais leves e bem drenados que encontramos, com especial incidência, na zona do Reguengo, situada na extremidade nordeste da Coudelaria. Mas estes solos são, igualmente, os mais propícios à pastorícia, especialmente para um número reduzido de cabeças, o que combinava, perfeitamente, com a estrutura económica das primeiras comunidades produtoras, ainda muito dependente da caça e da recollecção. Estranhamente, só muito recentemente é que foi por todos reconhecido que foram os nichos e abrigos protegidos por grandes afloramentos, situados preferencialmente junto a nascentes, ou cursos de água, em encostas suaves, expostas a sul ou poente, com um razoável domínio visual mas, ao mesmo tempo, camufláveis pelos afloramentos, os locais eleitos para o estabelecimento dos *habitats* das primeiras sociedades produtoras. A unidade do Reguengo preenche, globalmente, todos os requisitos para que aqui se tivessem fixado, ainda que sazonalmente, comunidades que davam os primeiros passos para a domesticação da terra e dos animais. Dessa ocupação ressaltam vários testemunhos que aqui analisamos. O *Habitat e Santuário* do Reguengo, quer pela sua proximidade geográfica, quer pelos conjuntos artefactuais exumados, terão que ser interpretados no mesmo contexto cultural. Se outras sondagens tivessem sido abertas, ou se um dia se vier a promover uma escavação em área, seguramente que se encontrará uma continuidade de ocupação que ligará os dois sítios. Os afloramentos que enquadram os dois arqueossítios constituem-se como uma linha ininterrupta, embora os da zona central sejam menos volumosos, parecendo existir aí um hiato. Provavelmente o hiato que hoje se observa resultará mais de aterros recentes do que a morfologia natural configuraria. Recorde-se que em torno da Pedra da Águia, sobretudo na face norte, o nível pré-histórico só foi detectado a mais de um metro de profundidade.

A continuada ocupação do local e sobretudo a destruição, na década de quarenta do século XX, da aldeia do Reguengo e a consequente regularização do terreno e a sua preparação para pastagens alteraram profundamente o relevo natural da zona.

Durante o Neolítico mais antigo, conforme nos demonstram as estruturas e materiais identificados, em torno da Pedra da Águia, mas especialmente nas faces sul e poente, foram construídos abrigos. Um empedrado, formado por blocos de granito de pequena e média dimensão, provavelmente cobertos por uma massa de palha e terra, à semelhança do que ainda hoje se utiliza nalgumas cabanas de pastores, alteava e isolava o piso destes *habitats*. Uma estrutura de madeira, encostava aos afloramentos, compensada por postes, mais ou menos verticais, que suportaria uma cobertura vegetal, de pele de animal ou mista, propiciava um revestimento impermeável. Para evitar que a água da chuva que escorria pela superfície dos afloramentos inundasse o espaço de vivência, os primeiros habitantes do Reguengo rasgaram canais, com cerca de trinta centímetros de largura e vinte de profundidade, que acompanhavam o perfil exterior dos batólitos, conduzindo a indesejada água para o exterior dos abrigos. Na zona escavada foi possível identificar, no interior da área que teria sido coberta, parte do local de lareira, protegida por blocos de granito de grande dimensão, que funcionariam como pára-fogo. Um empedrado com pequenas peças de granito e quartzito revestiam a base da lareira, funcionando como acumuladores térmicos. As fracturas térmicas que apresentavam e a sua coloração indicavam fortes e prolongados lumes. Encostados aos termoclastos preservaram-se, pelo menos, a parte inferior de dois fornos para alimentos, semelhantes aos identificados nas margens do Guadiana, em Xarez 12 e Carraça 1 (Gonçalves, 2002), para só se referir aqui os reconhecidos no interior alentejano.

Cerca de cinquenta metros para sul do abrigo que temos vindo a descrever encontra-se o “Santuário” com arte rupestre. Os materiais arqueológicos aqui identificados durante a escavação efectuada apresentam características idênticas aos recolhidos nas sondagens abertas em torno da Pedra da Águia, embora em menor número, o que é perfeitamente normal se, de facto, se tratar não de um espaço de vivência, mas ritual. Sete pequenos seixos rolados, com forma ovóide, vulgarmente denominados por “ovinhos”, constituem o lote de artefactos mais significativos e expressivos identificados no nível de base da área escavada no “Santuário”. Sem sinais de percussão, ou desgaste funcional, poderão ter alguma carga simbólica ou, como também já foi aventado, mais não seriam do que projecteis de funda. Os restantes materiais recolhidos na escavação do “Santuário” são três fragmentos de cerâmica, com caracte-

rísticas pré-históricas e minúsculos restos de talhe, em sílex, que ocorreram em níveis de terra humosa mais superficiais. Pelas suas pequenas dimensões poderão ter sido arrastadas do espaço de *habitat* que se situa próximo. Dos fragmentos de cerâmica aqui recolhidos convém destacar o SPH 33. Trata-se de um fragmento de taça lisa, com bordo levemente espessado. Esta forma encontra paralelos nas peças HR124 e HR65, recolhidas em níveis superficiais do *habitat* acima descrito, e que aponta para contextos mais recentes, relativamente ao conjunto artefactual, atribuído ao Neolítico antigo, identificado no nível dos fornos e empedrado do fundo de cabana, localizado junto à Pedra da Águia. A escavação efectuada no Santuário destinava-se, sobretudo, a identificar materiais que nos possibilitassem atribuir um sempre provável posicionamento cronocultural para as manifestações gravadas sobre os afloramentos. Infelizmente, os materiais identificados não nos permitem estabelecer qualquer relação segura. Os sete seixos rolados, dificilmente poderão servir como baliza cronológica, considerando que eles ocorrem em contextos que se prolongam desde o Neolítico mais antigo até finais do Calcolítico, tanto em espaços de *habitat*, como e maioritariamente em contextos funerários megalíticos. Resta-nos reconhecer que as expressões artísticas gravadas sobre os afloramentos, que atrás descrevemos, especialmente os símbolos astrais da Rocha 20, encontram paralelo nas representações existentes em menires de recintos megalíticos dos arredores de Évora que, segundo os seus escavadores, remontarão a fases iniciais do Neolítico. Se esta relação e posicionamento cronológico estiverem correctos, poderemos considerar que as gentes que cozinhavam em fornos de argila, viviam sobre empedrados e utilizavam cerâmica profusamente decorada, foram as mesmas que gravaram covinhas e representações astrais sobre as rochas que definem um espaço mágico-religioso, hoje denominado “Oliveiras do Feitiço”. Na ausência de datações absolutas para este *habitat* haverá que estabelecer paralelos com o sítio semelhante geograficamente mais próximo, no interior alentejano. O “Sítio neolítico da Valada do Mato”, situado nas imediações de Évora, que tem vindo a ser estudado por Mariana Diniz, poderá ser o exemplo mais significativo para estabelecer paralelos, enquanto não estão disponíveis, na sua totalidade, os resultados dos trabalhos realizados no vale do Guadiana. Em Valada do Mato, as semelhanças com o *Habitat* do Reguengo da Coudelaria de Alter são aplicáveis no que se reporta ao ambiente envolvente, ao empedrado de base e sobretudo aos conjuntos artefactuais, formados por cerâmicas decoradas por incisão, impressão, aplicações plásticas e uma indústria lítica em sílex de feição lamelar. (Diniz,

2001) Na Valada do Mato, uma amostra de carvões recolhidos no interior de uma “estrutura de combustão” forneceu uma data calibrada, a 2 sigmas, de 5040 – 4790 BC. (Diniz, 2001 a). Reconhecendo as limitações que advêm por se tratar de apenas uma data, ela assume, contudo, particular importância porque nos ajuda a posicionar em termos cronológicos a emergência das comunidades produtoras nesta zona do Norte-Alentejano. Observando-se que o registo pré-histórico identificado no entorno da Pedra da Águia é extremamente homogêneo, e que se posicionará, pelo menos em meados do V milénio B.C., e será resultante de uma ocupação relativamente restrita no tempo, permitir-nos-á, mais à frente, estabelecer algumas comparações, quer com as evidências arqueológicas do *Habitat* da Porta do Tempo, quer com os sepulcros megalíticos estudados na área da Coudelaria.

O outro *habitat* escavado que forneceu informações mais significativas foi o *Locus* da Toca da Raposa. Neste *habitat* parece reconhecerem-se, pelo menos, duas fases distintas de ocupação. A muito reduzida compactação das terras e sobretudo a fraca potência de solo inviabilizou, quer a escavação em área por unidades estratigráficas, quer a identificação em corte das fases de ocupação. Por outro lado, denotaram-se, ao longo da escavação, manchas de terra mais húmida que se prolongava até à rocha, indiciadoras de violações, ou intrusões. A percepção da existência de, pelo menos, duas fases de ocupação resulta da evidência de dois grupos de materiais, sobretudo cerâmicos, com características distintas e que se filiam em contextos crono-culturais diferentes. Maioritariamente, nas terras mais superficiais e por consequência mais húmidas, registaram-se, essencialmente, cerâmicas abertas, superfícies lisas e um número significativo de bordos espessados. Estes recipientes cerâmicos apresentam diâmetros que oscilam entre os 20 e os 40 cm. Sobretudo abaixo deste nível registaram-se as cerâmicas decoradas com todas as variantes, incisas, impressas e com aplicações plásticas, estando também presente cerâmica com decoração “cardial”. A cerâmica decorada, apresentava-se muito mais fracturada, não possibilitando, na maioria dos casos, definir globalmente a sua forma e determinar, com precisão, o seu diâmetro. Nos poucos casos em que foi possível projectar a peça, reconhecem-se formas fechadas com diâmetros inferiores a 25 cm. É também proveniente deste contexto a colher de cerâmica TR30. Maioritariamente, a utensilagem lítica foi identificada sobre o empedrado de base, em associação com as cerâmicas decoradas. Inclui-se neste grupo o machado TR24, de secção sub-circular, com superfície picotada. A restante indústria lítica é formada por lamelas, núcleos e restos de talhe em sílex. Este *habitat*, bem

protegido e dissimulado por entre os afloramentos mas, igualmente, detentor de um bom domínio visual para todo o vale que se estende a poente, apresenta uma estruturação de piso empedrado semelhante ao identificado no *Habitat* do Reguengo, do qual dista cerca de quinhentos metros. Também na cabana que aqui foi montada durante o Neolítico houve necessidade de conduzir, para o exterior, as águas pluviais que escorriam pelos afloramentos. A solução adoptada por estes habitantes foi mais engenhosa e eficiente. Enquanto que os utilizadores do abrigo situado junto à Pedra da Águia se limitaram a escavar valas de drenagem, os da Toca da Raposa optaram por utilizar blocos finos de granito, resultantes da clivagem natural dos afloramentos. Com estas lajes formaram condutas estruturadas que acompanham o perímetro dos principais batólitos que recolhem e conduzem as águas para o exterior do espaço de *habitat*. Estas condutas assentam, na maior parte do percurso, directamente sobre a rocha de base, sendo, com grande probabilidade, contemporâneas da primeira fase de ocupação. Pelo que acima fica descrito, no *Locus* da Toca da Raposa, situado na área de *Habitat* da Porta do Tempo, reconhecem-se duas fases de ocupação, correspondentes a dois momentos do Neolítico. O primeiro, poderemos colocá-lo nos inícios do Neolítico, sendo contemporâneo da primeira ocupação da Pedra da Águia. O segundo apontará para um momento posterior, provavelmente, e atendendo à presença de bordos espessados, poderá ser posicionado nos finais do Neolítico, ou mesmo, já em inícios do Calcolítico. O *Locus* 2 da Porta do Tempo, para além de apresentar uma estrutura de empedrado semelhante às anteriormente descritas, evidencia, igualmente, uma vala de drenagem, aberta no saibro, encostada ao afloramento de maiores dimensões, que protege o espaço pelo oeste. Este *habitat* por se encontrar numa pendente acentuada apresenta, no nível superficial, claros sinais de escorrência, com presença de materiais modernos e contemporâneos, assim como cerâmicas pré-históricas lisas, formas mais abertas e algumas com sinais de carenas, provavelmente, médias, assim como um fragmento de ídolo-placa em arenito, em fase de acabamento. Neste nível recolheu-se um fragmento de cerâmica de forma cilíndrica (LOC2 150), que apresenta uma perfuração transversal e que poderá ter pertencido a um peso de tear, atribuível ao Calcolítico. Sob a camada de terra mais solta e por entre o nível de empedrado recolheram-se cerâmicas decoradas, impressas, incisas e com aplicações plásticas. A indústria lítica lascada é formada por lamelas, buris, núcleos e restos de talhe, em sílex. Uma porção de machado de pedra polida (LOC2 51), foi igualmente recolhida neste contexto. Um pendente em rocha verde (LOC2 35), e

um fragmento de Ídolo-placa, em arenito, em fase de acabamento (LOC2 192) aqui identificados, assumem especial importância por terem significativos paralelos com os que, com frequência, ocorrem em ambientes funerários megalíticos.

4.2. Menires e antas da Coudelaria

Na área da Coudelaria conhecem-se sete sepulturas megalíticas. Pelo menos três delas possuem menires, claramente fálicos, incluídos na sua estrutura. Ainda que com um número muito reduzido de datações disponíveis para os menires, das quais se destaca a data obtida para o Menir da Meada, situado em Castelo de Vide, que em datas calibradas, a 2 sigmas, se situa entre 5010 - 4810 BC, parece ser hoje concordante existir alguma anterioridade destes monumentos em relação aos sepulcros megalíticos do tipo dólmen. Se aceitarmos essa anterioridade, a presença, que começa a ser hoje já recorrente, de menires no interior de estruturas funerárias dolménicas, poderá ter, pelo menos, três explicações possíveis. A mais simplista dir-nos-ia que devido a uma economia de recursos, os construtores de dólmenes recorreriam àquelas pedras já talhadas e aproveitavam-nas para a construção dos sepulcros. Uma segunda hipótese dir-nos-á que a inclusão dos menires se ficaria a dever a algum ritual que obrigaria os construtores de antas a remover os menires e a incluí-los na sua estrutura. Uma terceira hipótese dir-nos-ia que os dólmenes foram construídos no mesmo local onde se situava já anteriormente o menir, incluindo-o na sua estrutura e mantendo uma sacralização do espaço. De notar que em todos os monumentos funerários por nós escavados onde se registaram menires, estes apresentavam sinais rudes de corte, sobretudo em altura, por forma a poderem incorporar a estrutura funerária. Uma leitura simplista poderá dizer que as três teses poderão coexistir, Contudo, e independentemente da existência, ou não, de menires na estrutura construtiva dos dólmenes, estão disponíveis, há já alguns anos, um conjunto de datas, consideradas demasiado antigas, recolhidas no interior de dólmenes do Norte-Alentejano e “Extremadura” Espanhola, que se aproximam da data do Menir da Meada e, ao mesmo tempo, das datas, em geral já disponíveis para *habitats* do Neolítico antigo, remetendo-nos, em anos de calendário, para o V e por vezes inícios do VI milénio BC. De facto, já muitas explicações foram aventadas para minimizar o impacto que estas datas antigas teriam nas interpretações tradicionais para a origem do megalitismo funerário, que o remete sempre para momentos de um Neolítico médio e, maioritariamente, final. Na

verdade, a maior parte das datas disponíveis para os dólmenes situa-se entre o IV e o III milénios, em anos de calendário mas, igualmente, essas datas foram obtidas, maioritariamente, a partir de material ósseo. Contudo, é hoje totalmente aceite que estes sepulcros tiveram uma vida útil e funcional muito longa e com evidentes sinais de reutilizações, reabilitações e desenvolvimentos. Haverá que questionar, coisa que raramente foi feita, se as datações obtidas a partir de restos ósseos não datarão, maioritariamente, momentos finais de utilização e não o momento fundacional. Todos reconhecemos quão raro é encontrarem-se restos ósseos, passíveis de serem datados, localizados em terrenos xistosos, ou graníticos, terrenos que pela sua acidez destroem completamente a matéria orgânica. Provavelmente, teremos vindo, sucessivamente, a datar ossos de momentos finais de utilização destes sepulcros. Lembre-se aqui que as medições por radiocarbono datam o momento da morte do indivíduo e não o momento da tumulação. Recorde-se, também, que as datas mais antigas e consideradas anormais resultam, invariavelmente, de carvões que, por sistema, foram recolhidos na base dos monumentos ou, sob as respectivas mamoas, quando bem conservadas. Essas datações, porque iam contra as teorias aceites, foram sempre rejeitadas, considerando-se que se reportariam a episódios pré-megalíticos e, portanto, muito anteriores à construção dos sepulcros.

A inexistência de trabalhos em *habitats* do Neolítico mais antigo na mesma área onde se localizam os dólmenes com datas, igualmente muito antigas, e a só recente disponibilização de datações absolutas para os contextos do Neolítico antigo, terão contribuído para que não se tivessem esboçado propostas interpretativas de ligação directa entre dólmenes, menires e *habitats* das primeiras comunidades agro-pastoris.

Os trabalhos que desenvolvemos na área da Coudelaria parecem facilitar-nos essa possível relação, ainda que, e por agora, sustentados num conjunto restrito de elementos. Vejamos os paralelos possíveis de estabelecer entre os materiais recolhidos na Anta da Horta, situada a quinhentos metros do *Habitat* da Porta do Tempo. No interior da câmara funerária, onde ocorreram diversos episódios de revisitação, identificaram-se nove fragmentos de cerâmica com decorações incisadas, impressas e aplicações plásticas, cujos motivos decorativos encontram paralelo directo nas cerâmicas da Toca da Raposa e Locus II, do *Habitat* da Porta do Tempo. Se os paralelos ocorressem nas cerâmicas do *Habitat* do Reguengo, que se situa a cinquenta metros desta anta, sempre se poderia colocar a hipótese de ter havido contaminações por arraste. Contudo, a distância, ainda significativa, entre os dois locais inviabiliza essa possibilidade. Evidentes e

expressivas são as semelhanças das cerâmicas da Anta da Horta, AH330, AH331, AH332, AH333, AH225, AH327, AH318, AH287 e AH293, com as cerâmicas da Toca da Raposa TR325, TR560, TR559, TR313, TR106, TR452 e TR211, entre tantos outros exemplos. Iguais semelhanças encontram-se no machado de corpo picotado AH185, recolhido na Anta da Horta e no machado, igualmente de corpo picotado TR24, recolhido na Toca da Raposa. Mas os exemplos mais significativos foram identificados no Locus II da Porta do Tempo. Neste pequeno abrigo, no nível de base, onde ocorrem, especificamente, cerâmicas decoradas, restos de talhe e indústria lamelar, recolheu-se um pendente em rocha verde, LC2 35. Neste mesmo abrigo, em terras de arraste, identificou-se um fragmento do que parece ser um ídolo-placa, de arenito, em fase de acabamento (LOC2 192). Pelos exemplos apontados parece existirem demasiadas semelhanças entre os materiais da câmara da Anta da Horta e os materiais, claramente do Neolítico antigo, do *Habitat* da Porta do Tempo, para não podermos estabelecer estreitas relações entre os utilizadores do *Habitat* e os construtores, ou os primeiros tumulados deste dólmen. Se para esta anta temos evidentes relações, através dos conjuntos artefactuais, com evidências atribuíveis a momentos muito recuados do Neolítico, na Anta da Soalheira, na da Várzea Grande e na nº2 de Vale de Carreiras, estão presentes, nas respectivas estruturas tumulares, menires fálicos, que nos reportam igualmente para momentos recuados do Neolítico. Perante estas realidades, teremos que colocar a questão: em que momento foram construídos os sepulcros megalíticos de que temos vindo a tratar? Seguramente que em momento posterior à fase da erecção de menires. Mas se encontramos materiais, maioritariamente cerâmicos, atribuídos ao Neolítico antigo no interior dos dólmenes, onde posicionar a fase dos menires? A fase “menírica” não poderá ser muito recuada em relação à emergência dos dólmenes porque as datas obtidas a partir de carvões, recolhidos na base de antas e sob as suas mamoas, como Castelhanas, Cabeçuda e Figueira Branca, em Marvão e mesmo a da Joaniha, em Cedillo, posicionam-se dentro das balizas cronométricas já disponíveis para os *habitats* do Neolítico antigo, o mesmo acontecendo com data do Menir da Meada. Suportados nestes dados teremos que aceitar que a moda de erecção de menires foi relativamente curta, sendo estes rapidamente absorvidos nos sepulcros megalíticos. A fase de erecção de menires deverá ter sido muito efémera, ou então, a explicação para as datas muito antigas nas antas e a presença de cerâmicas do Neolítico antigo no seu interior terá que ter outra explicação. A tese das trasladações defendida por Leonor Rocha (Rocha, 2005), seguramente que é aceitável, num sentido lato, contudo não responde ao problema das

datas antigas obtidas sob as mamoas. Em textos anteriores e com base em evidências claras, demonstrámos que alguns dos dólmenes estudados no nordeste alentejano foram construídos sobre *habitats* anteriores, onde ocorriam lareiras e silos (Oliveira, 1997 e 1998). Contudo, nos monumentos agora estudados tal situação não foi detectada, encontrando-se os sítios de *habitat* bem definidos, nas imediações dos dólmenes.

Ainda que sem dados totalmente conclusivos, porque muito trabalho ainda está por fazer, e muitas respostas por responder, pensamos, contudo, que já existem demasiadas evidências para rejeitarmos a hipótese de considerarmos que os construtores destes dólmenes foram os mesmos que elegeram os afloramentos da Toca da Raposa ou a Pedra da Águia para aí construir os seus abrigos, enquanto ensaiavam as primeiras técnicas agrícolas e aprendiam a conduzir rebanhos, entre VI e o V milénios BC. O maior problema coloca-se quanto ao posicionamento relativo para a emergência dos menires. Se, de facto, eles já pré-existiam ao tempo da construção dos primeiros dólmenes, então, durante o Neolítico antigo teremos que encontrar, pelo menos, duas fases. Uma mais antiga, durante a qual se ergueram menires e, posteriormente, uma fase de construção de sepulcros megalíticos que incorpora menires na sua estrutura funerária. A alternativa a esta interpretação poderá ser equacionada se se vier a definir, um dia, com precisão, o que se entende por Neolítico médio. Para reequacionar toda esta problemática há necessidade de alargar as áreas de escavação dos *habitats* e, sobretudo, procurar encontrar matéria datável para nos ajudar a esclarecer, com precisão, a periodização do Neolítico no interior alentejano.

* Universidade de Évora

NOTA

Os trabalhos arqueológicos aqui apresentados tiveram co-direcções de campo de: Gerardo Gonçalves - Anta da Várzea Grande; Joana Vivas - Locus II; João Parreira - Habitat do Reguengo (2.ª fase); Mauro Constantino - Locus da Toca da Raposa; Miguel Correia - Levantamento da Arte Rupestre; Paulo Domingues - Anta da Horta e Santuário; Sara Ramos - Anta da Soalheira, Habitat do Reguengo (1.ª fase) e Locus I. Os trabalhos de prospecção foram dirigidos por Clara Oliveira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, R.; FERREIRA, J. T. (1947) - Elementos para a História da Coudelaria de Alter, Boletim Pecuário, n.º 1, Lisboa.
- CERRILLO, E. et al. (2002) - La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de los Barruecos, Trabajos de Prehistoria, Madrid, 59, n.º 2.

- DINIZ, M. (2001) - O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 4, n.º 1, IPA, Lisboa.
- DINIZ, M. (2001) - Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, IPA, Lisboa.
- DUQUE, D. (2005) - Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria reciente del Suroeste peninsular, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 8, n.º 1, IPA, Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (2002) - Lugares de Povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 5, n.º 2, IPA, Lisboa.
- INÁCIO, A. C. (1992) - O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758, *A Cidade - Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7 (Nova Série).
- KEIL, L. (1943) - *Inventário Artístico - Distrito de Portalegre*, Academia Nacional de Belas Artes.
- LEISNER, G. & V. (1959) - *Die Megalithgraber Iberischen Albinsel, Der Westen*, Berlin.
- OLIVEIRA, C. (2000) - Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter, Abril/Junho. (estudo inédito policopiado).
- OLIVEIRA, J. de (1997) - Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever, ed. especial da Ibn Maruán, Lisboa.
- OLIVEIRA, J. de (2001) - O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão - Cedillo, *Muitas antas pouca gente?*, *Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.
- OLIVEIRA, J. de (2001) - Continuidade e Rupturas do Megalitismo do Distrito de Portalegre, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- RIBEIRO, T. C. (1998) - O Município de Alter do Chão nos finais do século XVIII, Palimage Editores, Lisboa.
- ROCHA, L. (2005) - "Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central - a contribuição de Manuel Heleno", *Dissertação de Doutoramento*, ed. policopiada.